

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**CIDADE E TRABALHO: TRAJETÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES
EM CENTRALINÓPOLIS/MG – (1986 – 2007)**

JHENEFFEN SUÊNIA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História e Geografia
Campus São João del-Rei 10 (Antigo Minas)
Av. Universidade S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - MG

JHENEFFEN SUÊNIA SILVA

**CIDADE E TRABALHO: TRAJETÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES
EM CENTRALINÓPOLIS/MG – (1986 – 2007)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

JHENEFFEN SUÊNIA SILVA

**CIDADE E TRABALHO: TRAJETÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES EM
CENTRALINÓPOLIS/ MG – (1986 – 2007)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso. – Orientadora

Profa. Ms. Maucia Vieira dos Reis.

Profa. Ms. Juliana Lemes Inácio.

À minha família.

Ao Roberto.

À querida amiga Eliza

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Heloísa Helena pela orientação deste trabalho, e do projeto de Iniciação Científica.

Aos entrevistados e aos que colaboraram direta ou indiretamente para que o projeto se tornasse concreto.

Aos colegas de curso.

Aos professores da Graduação que ensinaram algo mais que os conteúdos curriculares.

“Eu agradeço você por sua preferência de ter me procurado, Jheneffen.”

José Pereira da Silva. Entrevista realizada em 06/05/07.

SUMÁRIO

<i>Resumo</i>	08
<i>Considerações Iniciais</i>	09
<i>Capítulo I:</i>	17
<i>“Todo mundo que muda é procurando uma situação melhor, né?”</i>	
<i>Capítulo II:</i>	39
<i>Cidade e Trabalho: viveres</i>	
<i>Considerações finais</i>	58
<i>Fontes Documentais</i>	
<i>Bibliografia</i>	
<i>Anexo</i>	

RESUMO

O interesse da pesquisa aqui apresentada se volta para a análise das trajetórias e viveres de moradores de Centralinópolis, no pontal do Triângulo Mineiro. Neste intuito tentamos compreender como os trabalhadores que vivem ali foram ao longo de suas trajetórias organizando e/ou reorganizando seus modos de viver em suas experiências bem como os significados que atribuem a elas através de suas narrativas.

Tentando compreender a maneira como as pessoas organizam suas vidas diante das possibilidades de trabalho e sobrevivência que encontram no local vamos buscando uma compreensão de cidade e de trabalho que possam ser apreendidas na forma como as pessoas constroem suas relações no plano da vida cotidiana.

Ao analisar a dinâmica das relações construídas por esses sujeitos em sua luta por tornar o local num espaço de moradia, de luta pela sobrevivência, tornou-se pertinente olhar essas pessoas em suas experiências sociais com o objetivo de compreender os significados de suas trajetórias de vida; discutir e evidenciar o sentido de suas práticas cotidianas, sua cultura e como o lugar foi se construindo através das relações por eles estabelecidas. No decorrer do texto, analisamos também de que forma elas se organizam, como a atividade comercial às margens da rodovia (o trabalho nas barracas) se constitui ou não num modo de vida alternativo, não deixando de considerar o social como um campo de tensões e disputas.

Considerações Iniciais

“As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimento que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, interpretamo-lo à luz de novos pontos de vista”¹.

Ao final do primeiro semestre letivo de 2005, finalmente estava pronta a versão final de um projeto de pesquisa, fruto de algumas reflexões que adquiri pouco a pouco, primeiramente no primeiro ano da graduação na Universidade Estadual de Minas Gerais, em Ituiutaba, em segundo lugar nas disciplinas de Historiografia e MTPH, já na Universidade Federal de Uberlândia.

Talvez deveria ter abandonado o desejo de pesquisar o assunto que se configurava como ‘Os barraqueiros de Centralinópolis’² logo no momento da transferência, afinal de contas, aqui encontrei um espaço de reflexão muito mais amplo que se materializava e continua se materializando nas placas identificadoras dos núcleos de pesquisa e cada vez mais visível nas considerações dos nossos professores, na diversidade de temáticas e comunicações das Semanas de História, para citar apenas alguns aspectos.

Ao longo dos cinco primeiros períodos da Graduação, fui escolhendo um lugar neste emaranhado de perspectivas que se colocam na abordagem sobre o real. Com um pouco de insegurança, fui me interessando pelos apontamentos de inspiração marxista, sobretudo no que se refere ao conceito de experiência, à preocupação com as pessoas comuns e ao movimento da mudança como um dado da História. Minhas expectativas em relação à proposta de pesquisa era dar visibilidade àquelas pessoas que faziam parte da minha vida, cujo trabalho e vivência até então, pensava, carecia de um olhar mais cuidadoso.

Com essa escolha, eu não estaria falando no vazio e nem gastando tinta inutilmente, estaria falando de algo que tinha valor para mim e que poderia ter algum valor para as pessoas que contribuíram com seus depoimentos, com suas poses para uma fotografia, que abriram para mim um espaço em suas casas e em suas vidas.

¹ FONTANA, Josep. **História: Análise do passado e projeto social**. Bauru/SP: EDUSC, 1998. p. 267.

² Centralinópolis se situa entre os Municípios de Canápolis e Centralina, no entroncamento da BR153 com a MGT 226, no Triângulo Mineiro. (Observar mapa anexo)

Contudo, fui me dando conta de que ampliar o campo de reflexões é da natureza da própria História, uma ciência que, como alertou E. Thompson, possui uma lógica própria. Dessa maneira, produzir o conhecimento em História nos leva a refletir sobre a própria lógica da pesquisa histórica. Entendemos que tanto o campo da História quanto o da historiografia constituem-se em campos de possibilidades à disposição do olhar do pesquisador. Dessa forma, não cabe pensar num conhecimento pronto e acabado, mas pensá-lo como possível de ser reformulado, levando em conta as questões sociais do momento presente em que vivemos.

Neste sentido, Thompson³ nos convida a abordar o conhecimento com abertura de espírito, a partirmos para uma “exploração aberta do mundo e de nós mesmos”, considerando que o conhecimento histórico está sempre em construção através do diálogo com os questionamentos do presente e, por isso, pode ser constantemente revisto.

Tratar o conhecimento histórico como “provisório e incompleto, mas nem por isso inverídico”⁴ significa entendê-lo como uma interpretação possível no momento em que foi formulada. Se pensarmos que esse conhecimento é também uma prática social, deixamos de considerar a história como “estudo do passado” e recuperamos seu papel de intervenção nas possibilidades de futuro.

Consideramos que a prática social do historiador influi muito em sua análise e interpretação do real, que essa prática não é desvinculada das questões que permeiam o momento histórico vivenciado e se constitui como forma de luta - uma luta que é também política. Nós, historiadores do momento – como ressalta Fenelon⁵ - somos também sujeitos do conhecimento que produzimos. Descartamos, assim, a possibilidade de construção de um conhecimento histórico neutro.

A posterior definição do tema “Cidade e Trabalho: Trajetórias e Viveres de Trabalhadores em Centralinópolis/ MG” partiu de reflexões sobre a maneira como a pesquisa em História é realizada. Nas nossas reflexões chegamos ao entendimento de que o trabalho do historiador requer um olhar aprofundado para a realidade de seu

³ THOMPSON, E.P. O Termo Ausente: experiência. In: **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.180-201

⁴ THOMPSON, E.P. Intervalo: a Lógica Histórica. In: **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.47-62.

⁵ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: **Projeto História 10**. Revista do programa de estudos Pós – Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993, p. 73-90.

tempo, com o intuito de buscar no social as possibilidades que se apresentam como perspectivas de transformação. Como nos sugere Fontana, empregar as ferramentas do nosso ofício,

*“Com o objetivo de melhor compreender o mundo em que vivemos e de ajudar os outros a entendê-lo, a fim de que, com todos, façamos algo para melhorá-lo, o que sempre é possível.”*⁶

O compromisso com as questões colocadas pelo presente nos leva a problematizar as diferentes versões que se constroem acerca da realidade contemporânea. Tal perspectiva responde a uma convicção que nos serve de referencial para pensar as experiências sociais: a idéia do conflito presente tanto no plano do cotidiano, quanto nas maneiras como os acontecimentos são significados e, nesse sentido, as tensões se fazem também presentes no campo da memória.⁷

Consideramos que a memória social é também um terreno de contradições entre valores e visões de vida diferenciadas; um campo de disputas entre o que merece ou não ser preservado. Nesse sentido, explicitar nas nossas narrativas *'a luta das forças sociais pelo poder'*⁸, permite evidenciar outras possibilidades e visões de mundo que foram momentaneamente sobrepujadas por outras.

Pensando o espaço de análise do tema proposto como um espaço possível para uma reflexão no campo da História Social, procedimentos e categorias de análise propostos por essa perspectiva - no que se refere às reflexões de inspiração marxista - nos serve de base teórica para a formulação de explicações que permitam compreender o objeto de estudo.

O interesse se volta, primordialmente, em colocar as pessoas comuns no centro da pesquisa histórica trabalhando, dessa forma, com a noção de experiência humana. Considerar a experiência humana significa, segundo Thompson⁹, buscar no processo histórico os atores sociais – as pessoas e torná-los sujeitos da história. Através desta noção:

⁶ FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. **A História dos Homens**. Bauru/ SP: EDUSC, 2004. p. 472.

⁷ Ver KHOURY, Yara Aun. Narrativas Orais na Investigação da História Social. In: **Projeto História**, n 22, jun. 2001.

⁸ LE GOFF, Jacques. Memória. In.: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. p.11-47.

⁹ THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: experiência. In: **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.180-201.

“Os homens e as mulheres também retornam como sujeitos, (...) como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos”¹⁰

Considerar a experiência humana significa, entre outros fatores, voltar o olhar para as trajetórias vivenciadas pelas pessoas, levando em conta as múltiplas relações que estabelecem no social e a época histórica em que elas acontecem. Buscar os sujeitos em suas trajetórias representa a possibilidade de entender como eles vão configurando o seu modo de viver.

Os sujeitos constroem suas relações com base em seus interesses e necessidades. Dessa forma, parafraseando Fenelon¹¹, entendemos o social como um espaço plural que pode ser compreendido nas relações de trabalho, economia e cultura dentre outras, presentes nas experiências cotidianas das pessoas. Neste sentido, o social não se configura como um espaço homogêneo ou harmônico, mas como um campo minado de tensões entre valores e visões de vida diferenciadas: *“os valores, tanto quanto as necessidades materiais, serão sempre um terreno da contradição, de luta entre valores e visões de vida alternativos”¹²*. Recuperamos, dessa forma, a noção do conflito, fator essencial para entendermos o movimento da história.

O trabalho com o social propicia-nos a atentar para o cotidiano dos sujeitos; desse modo, representa um caminho aberto para a compreensão do seu modo de vida e o sentido de suas práticas culturais bem como suas diferentes trajetórias e a forma como interferem no meio em que vivem, como lidam com fatores que desestruturam o seu modo de vida ou como os incorporam, forjando mecanismos que os possibilitam continuar no local em que vivem ou a buscar oportunidades em outros espaços.

O percurso que fazemos pelas trajetórias e experiências das pessoas permite enfatizar modos de vida, valores e práticas, importantes para o entendimento da cultura como aglutinadora das diferentes dimensões da vida, bem como a diversidade de significados atribuídos pelas pessoas aos processos vividos, o que contribui para nossa compreensão sobre as relações sociais na contemporaneidade. Nesta perspectiva, o historiador Eric Hobsbawm aponta que “As forças materiais e culturais e as relações de

¹⁰ Op.cit.p.182.

¹¹ FENELON, Déa Ribeiro. Cidades – Pesquisa em História. Revista Cultura e Cidade. São Paulo: Olhos D'Água. 1999.

¹² THOMPSON, E.P. Op.cit.p.189.

produção não são separáveis. Elas são atividades de homens e mulheres fazendo sua própria história, mas não no vazio, não fora da vida material.”¹³

No que se refere à cultura, a entendemos como o resultado da experiência das pessoas, dos seus anseios, necessidades, vontades e interesses, também determinada pelas relações de produção socialmente criadas e compartilhadas. A experiência social se expressa no campo da cultura não apenas como idéias, mas também como sentimentos, sistemas de valores e costumes.

Por fim, os encontros na própria universidade, os grupos de estudos promovidos pela linha de pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, que reiteradas vezes trouxe pesquisadores de outras universidades para um debate aberto, contribuíram para a formulação de alguns referenciais. Para ser sincera, entendia pouco dos debates formulados, em vários momentos não sabia onde localizar o “avançamos muito na afirmação de nossas perspectivas”. Para isso, trabalhos nesta linha que discutiam as relações sociais no espaço da cidade, a disputa de diferentes segmentos sociais pelo espaço da cidade, serviram para elucidar as problemáticas que se colocavam no âmbito do trabalho com as trajetórias e viveres dos trabalhadores de Centralinópolis.

Este trabalho resulta de um desejo, de perguntas muitas vezes não formuladas devido ao medo de parecer tosca. É resultado de uma orientação paciente e franca, muito mais do que de uma determinação para a pesquisa.

Neste trabalho, fizemos um esforço de dar ênfase aos trabalhadores, moradores de Centralinópolis, como pessoas que constroem a história na medida em que buscam responder às necessidades impostas pela sobrevivência, com interesses e expectativas diferenciadas e como sujeitos que interferem no meio em que vivem através de suas relações de trabalho, lazer e cultura. Remeter às suas trajetórias foi fundamental para evidenciar seus múltiplos viveres, suas relações e os elementos que compõem seu cotidiano, não como exemplo ou casos particulares, mas porque eles nos informam sobre situações vividas por muitos e sobre as relações que os trabalhadores constroem com vários segmentos sociais no mundo contemporâneo. junto à Prefeitura Municipal de Centralina com o objetivo de entender como o lugar se situava em seu aspecto administrativo.

Essa busca foi direcionada a partir dos elementos encontrados nos depoimentos dos moradores, uma vez que os limites do documento textual justificavam os diálogos

¹³ HOBSBAWM, Eric. Manifesto pela renovação da História. In.: **Le Monde Diplomatique**. Edição Brasileira, ano 5, n 59, dezembro/2004.

com os moradores como a maior fonte de detalhes sobre o passado, as relações com o poder público, além de outros fatores. Suas narrativas apontavam para uma realidade diferente da que encontramos hoje. De maneira geral, esses depoimentos remetiam a um momento em que Centralinópolis tinha a configuração de um espaço urbano.

Ao buscarmos a documentação textual, encontramos, em Atas da Câmara Municipal de Centralina, referências pontuais sobre o lugar, como por exemplo, a lei nº 699/87 de 04/09/87 que em seu artigo primeiro “*nomina em povoado de Centralinópolis, o antigo povoado do Entroncamento da BR 153*”.¹⁴ Ainda nesse aspecto, encontramos na Ata da 18ª reunião ordinária de 02/12/1986, um projeto de lei cuja intenção era adquirir um imóvel no Entroncamento e doá-lo à CTBC; na Ata da reunião extraordinária do dia 24 de setembro de 1987, encontramos a carta acordo com a CEMIG para a iluminação do Entroncamento; e na Ata da 15ª Reunião Ordinária do dia 03/11/ 1987, encontramos indicações para obras do povoado como avenida calçada e construção de quadra de esportes bem como referência da presença do pessoal daquele local.

Estas discussões que tramitaram pela Câmara Municipal de Centralina, embora pontuais, apresentam as demandas da população local por melhorias na região. Entretanto não são capazes de especificar os significados que estas melhorias poderiam ter na vida dos moradores.

Os registros produzidos pelo poder público instituído firmam a memória de feitos de prefeitos e vereadores como os responsáveis pela consolidação daquilo que é de direito dos moradores, ocultando também as lutas cotidianas desses sujeitos por um viver melhor.

Dessa maneira, ao nos voltarmos para análise das fontes orais, nos deparamos com uma gama muito maior de expectativas que as pessoas alimentam em relação ao viver, destrinchando percursos diversos que têm sentidos particulares para cada um dos entrevistados. Estes percursos, presentes nas maneiras como as pessoas articulam seu presente e seu passado e os referenciam em sua memória, são capazes de evidenciar os valores que foram sendo gestados ao longo da trajetória do depoente, valores estes que observamos serem compartilhados com seus pares.

A escolha das pessoas a serem entrevistadas e a gravação de entrevistas, bem como a formulação de um roteiro prévio para direcionar o conteúdo delas foi marcada,

¹⁴ Ata da Câmara Municipal de Centralina, 04 de setembro de 1987. p.88.

num primeiro momento, por nossa preocupação em relação à atividade comercial exercida por muitos moradores. Preocupávamos em saber como o comércio com barracas às margens da rodovia BR 153 - que recorta o lugar, constituindo-se também como o referencial que marca a fronteira entre os municípios de Canápolis e Centralina - configurava-se como um modo de trabalhar encontrado pelas pessoas para lutar pela sobrevivência.

No trabalho com os depoimentos, preocupamo-nos em recuperar, através da memória dos entrevistados, como o lugar foi se configurando em suas trajetórias como um local de escolha desses sujeitos e as relações de pertencimento.

Ao todo foram realizadas quatorze entrevistas, dez delas em agosto de 2005, e as outras em maio de 2007, destas últimas utilizo apenas uma, mas ressalto a importância de todas elas para uma compreensão mais profunda sobre as relações cotidianas das pessoas.

As imagens com as quais trabalhamos no corpo do texto têm o objetivo de dar visibilidade ao lugar, não as colocamos no texto como caráter puramente ilustrativo, embora sirva para isso também. As imagens não só retratam as pessoas e o lugar, mas se constituem numa abordagem sobre o cotidiano.

O presente trabalho foi planejado, inicialmente, para compreender três capítulos, necessários para levar ao leitor um pouco mais de informação e clareza a respeito do espaço de pesquisa construído. Em um primeiro momento nos deteríamos na explicação do lugar, debruçando-nos sobre detalhes da vida cotidiana dos moradores de Centralinópolis convidados a falar, a partir disso poderiam ser analisadas as trajetórias dessas pessoas tanto na sua opção pelo lugar quanto a respeito dos descaminhos que viveram. Em segundo lugar e já num segundo capítulo buscaríamos a compreensão de como a cidade estava situada nos viveres desses moradores, esse exercício deveria requerer que abandonássemos uma idéia abstrata de cidade e fôssemos buscá-la nas relações, no trânsito, no movimento dos sujeitos, nas ações que possibilitam o rompimento de uma noção de cidade coerentemente organizada. Finalmente, no terceiro capítulo, explicaríamos as mudanças mais diretamente vinculadas ao processo de duplicação da BR 153, no trecho que analisamos, pretendíamos apontar as transformações no cotidiano dos moradores em decorrência desse fator, muito mais visível e identificável.

O plano foi parcialmente seguido, pois o terceiro capítulo não foi formulado, as transformações relacionadas ao processo de duplicação da BR 153 se encontram

diluídas no primeiro e segundo capítulo. Embora as modificações na configuração física do local se constituíssem em uma mudança apelativa aos olhos da pesquisadora, ela não parecia ter tanta importância aos olhos dos entrevistados quanto supunha.

O processo da pesquisa e a convivência com as problemáticas que se colocavam traziam outras evidências, como por exemplo, que as mudanças menos perceptíveis eram muito mais significativas nas experiências dos moradores, além disso, a duplicação da rodovia era apenas mais uma circunstância que de certa forma desorganizava o cotidiano de pessoas que transitavam diariamente entre os municípios de Canápolis e Centralina, bem como, imagino, aos outros motoristas não indiferentes ao transtorno que as obras na rodovia causavam.

Tive oportunidade de presenciar alguns diálogos a respeito das preocupações alimentadas no decorrer da consecução das obras, em comum expressavam que o lugar estava muito estranho, que não havia motivos para a construção de um viaduto naquele lugar ou indagações como o que aconteceria quando tudo fosse concluído. Opiniões capazes de exprimir a ansiedade, principalmente daqueles que estavam ali como moradores, comerciantes, donas de casa.

Devido a este diagnóstico, preferi acompanhar o processo de duplicação na interface dos modos de vida dos moradores, qual sua relação direta com a organização e/ ou (re)organização de seus viveres. Diluir a explicação dessa transformação visível talvez possibilitasse apreender a dinâmica de um cotidiano muitas vezes pacato e tranquilo, era uma evidência promissora para entendermos por que a afirmação da tranquilidade do lugar era tão importante naquele momento.

O trabalho, portanto, foi dividido em dois capítulos. No primeiro, a partir de uma discussão sobre o presente (2005/ 2007), vamos pouco a pouco trabalhando com o modo com as pessoas mais velhas do lugar vão construindo sua trajetória, tentando discutir como Centralinópolis foi sendo constituída ao longo das vivências destas pessoas. No segundo capítulo, trabalhamos as relações com a cidade, tentando evidenciar as práticas cotidianas dos moradores, seus hábitos e valores, apreendendo-as em sua singularidade, mas tentando não deixar de relacioná-la a uma dinâmica social mais ampla.

Capítulo 1:

“Todo mundo que muda é sempre procurando uma situação melhor, né?”¹⁵

Estamos em um pequeno trecho da BR 153¹⁶, quilômetro 34 entre as placas “Bem vindo a Centralinópolis” e “Entrocamento de Canápolis”, zona rural do Município de Centralina. Alguns quilômetros mais além, sentido Itumbiara/ GO, existem várias chácaras de um lado e do outro, margeando a rodovia.

“Barraca São João”, “Barraca do Flamengoista”, “Barraca do Carlinhos”; “Doces, Queijos, Farinha Temperada”; “Suco de abacaxi grátis” são algumas das referências que encontramos. Compõem o lugar vários estabelecimentos comerciais situados nas proximidades da rodovia e casas modestas. Uma comunidade de aproximadamente quinze famílias.

A vida cotidiana parece afeita a estas imagens corriqueiras: as pessoas transitam de bicicleta, vemos um senhor carpir o seu quintal, um carro parado, pessoas comprando produtos caseiros, artesanatos, frutas, pimenta, farinha; pessoas sentadas na frente de suas casas olhando o movimento da rodovia; senhoras varrendo o terreiro, alimentando as galinhas; meninos correndo. A paisagem do lugar é preenchida por essas imagens. Quando nos aproximamos, elas se revelam nas trajetórias e vivências de seus moradores.

Queremos conversar com eles, saber de suas vidas, mas não queremos simplesmente fazer uma história de vida, qual seja, a história de algumas vidas. Lembrando os diálogos realizados em “Muitas Memórias, Outras Histórias,”¹⁷ por pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia e da PUC de São Paulo vinculados ao Projeto PROCAD, queremos fazer um esforço, sempre conjunto, de firmar a memória dessas pessoas que fazem história.

No âmbito das reflexões apontadas pelas autoras, aparece a opção e o compromisso político de valorizar os sujeitos históricos. As indicações propostas dizem

¹⁵ Entrevista realizada em 14/08/05 com o Sr. Júlio Cândido, morador das imediações de Centralinópolis há aproximadamente 42 anos, veio do Nordeste.

¹⁶ Conhecida como Transbrasiliana, a BR 153 corta vários Estados, entre eles Minas Gerais e Goiás. Ela vai de Norte a Sul do Brasil. O trecho a que nos referimos situa-se no Triângulo Mineiro, entre o “Posto Trevão” e as proximidades dos Municípios de Canápolis e Centralina.

¹⁷ FENELLON, Déa R. et alli. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

que categorias prévias na análise da realidade não atendem mais aos anseios das novas perspectivas que se colocam para a sua compreensão. O esforço em valorizar os sujeitos sociais e seus modos de vida requer explorar a pluralidade, ressaltar as ‘diferenças e diversidades como resultado do embate de forças sociais’.

No campo da memória, as tensões aparecem como ‘esforços de ocultação e clarificação presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas sociais.’¹⁸ Enfatizar estas memórias como um aspecto fundamental da construção histórica significa acentuar viveres, trajetórias e versões sobre a realidade social que ainda não se tornaram expressivas, fazendo com que emirjam como questionamentos, interrogações e dissidências capazes de desestabilizar discursos sobre o real, coerentemente construídos.

Desse modo, narrativas que antes se colocavam como uma versão autorizada dos acontecimentos e constituintes de uma História com “H maiúsculo” vão cedendo lugar à afirmação de memórias e viveres de pessoas comuns, o que permite incorporar as experiências das pessoas à explicação histórica.



Foto 1. Antônio Ozete atende aos fregueses em sua barraca. Acervo da autora. 01/05/06.

¹⁸ Idem. Citado pelas autoras. p 06.

Nesse sentido, colocamos como problemática a ser investigada a cultura desses sujeitos, entendida como modos de vida que se transformam no circuito das relações que estabelecem entre si, com outros segmentos sociais, com seu lugar de origem e com as transformações que imprimem ao lugar em que moram, vivem, lutam pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, se deixam, enquanto pessoas, transformar por essas elaborações.

Quando saímos da rodovia, entramos na Rua Elias Marques Soares, paralela e tão próxima a ela que mais parece o seu acostamento. Casas enfileiradas, algumas com número outras sem; um posto telefônico desativado adaptado para moradia; mais uma casa, esquina com a Rua dos Estudantes; mais algumas casas; uma capela e uma escola desativada por falta de alunos.

Saímos do Entroncamento de Canápolis, ainda percorrendo a BR 153, vamos encontrar, um quilômetro abaixo, a “Barraca da Promoção”, depois a “Barraca da Tonha”, a seguir o “Edvan”, o “Silvio”, o “Júlio Cândido”.

Até aqui prevaleceu o olhar de curiosidade da pesquisadora em relação ao lugar em questão. Lugar que à primeira vista parece não admitir mudanças significativas, lugar que nos depoimentos da maior parte dos entrevistados aparece como tranquilo e “bom de se vivê”.

Esta é a opinião de Antônio Ozete da Silva que, ao responder a minha pergunta sobre como ele vê o lugar, assim se expressa: “Ah, eu vejo assim: é um lugar pacato, só que é bem tranquilo, num tem aquela agitação da cidade, bom de se vivê mais ganha pouco.”¹⁹

Ganha-se pouco. Os trabalhos disponíveis são trabalhos na lavoura ou trabalhos no comércio. Mas a tranquilidade é apenas uma questão de escala, quando olhamos mais de perto vemos um universo de relações díspares; interesses; expectativas, frustrações, recomeços.

No olhar de seus moradores, as imagens relatadas no início deste texto parecem ganhar, para alguns depoentes, um significado quase estático. O que nos incomodou foi a noção de não transformação. Diante disto queremos definir melhor o que se constitui como ruptura para o nosso olhar, no intuito de melhor compreender como os sujeitos

¹⁹ Antônio Ozete tem hoje 36 anos, nasceu e cresceu no lugar. Entrevista realizada em agosto de 2005.

desta pesquisa incorporam, ou não, as mudanças em suas vivências e trajetórias e como a entendem.

Dessa paisagem coincidente ao momento em que propusemos o projeto, em 2005, resta pouco. No decorrer deste período, as barracas de palha – mais comuns, ou lona às margens da rodovia foram substituídas por construções de alvenaria um pouco mais afastadas da BR e outras foram agregadas às residências.

Para este processo de abandono da prática de colocar barracas de palha num lugar da rodovia que parecesse favorável, foi significativo o fato de o Departamento Estadual de Estradas e Rodagem (DNER e atual DNITT) exigir e fiscalizar a retirada dessas barracas por volta do ano de 2004.²⁰

A desocupação do entorno da rodovia foi uma das primeiras medidas tomadas para conter a multiplicação dos pontos de comércio. Ela se seguiu a uma exigência pela retirada das placas promocionais que serviam de anúncio e propaganda para as barracas. Estas estariam confundindo a visão dos motoristas, e somando-se à parca sinalização da BR 153²¹, aumentando o risco de acidentes.

Por volta de 2006, o projeto de duplicação dessa rodovia, pelo menos em seus trechos mais perigosos, trouxe inquietações e incertezas, além de causar certo transtorno no dia-a-dia dos moradores. As expressões mais comuns sobre a duplicação faziam referência à diminuição do perigo de acidentes; contudo, parece que depois de algum tempo quase não se tocava no assunto, algumas pessoas desacreditavam da possível duplicação, algumas outras sabiam que viria, mas ainda demoraria muito. Aquelas medidas se tornaram para muitos moradores da região o início do processo de duplicação. Como podemos observar num fragmento do relato de D. Maria do Socorro, em entrevista gravada em 2005:

- **Jheneffen:** “E as duas pistas, de onde elas estão vindo? Como é isso?”

- **Maria do Socorro:** Ah, eu acho que tão vindo é de Centralina ou de Itumbiara pra cá, parece, até o trevão vejo falá que é assim.

- **Jheneffen:** É a duplicação da rodovia, né?

- **Maria do Socorro:** Ham ham.

²⁰ Comecei a pensar no assunto como um possível tema de pesquisa em 2002, quando cursava o primeiro ano da graduação na UEMG, Campus de Ituiutaba. Quero ressaltar a importância das reflexões orientadas pela Prof. Dra. Dalva de Oliveira sobre o livro “A pesquisa em História” de pesquisadoras da PUC de São Paulo, que nos serviu de inspiração e direcionamento.

²¹ Quando falamos sobre a BR 153, estamos nos referindo apenas ao espaço analisado nesta pesquisa. Embora saibamos da precariedade da malha rodoviária brasileira e o descaso das autoridades em relação ao fato.

- *Jheneffen*: E é agora que estão falando nisso?

- *Maria do Socorro*: Isso, é agora que tão falando... não, eles fala há muitos anos, só que agora é pra valê mesmo, né? Teve muito acidente nesse asfalto, é ruim, né? Então eles tão tomando essa providência, por causa disso...²²

Já em 2007 era comum o trânsito de máquinas na pista, sinalização e faixas de isolamento, caminhões fazendo terraplanagens, engenheiros medindo e colocando marcadores e numerações no asfalto. Um escritório da construtora Barbosa Mello foi montado para concretizar o empreendimento. Neste momento as reclamações sobre o transtorno que o barulho das máquinas causava, a poeira decorrente da construção e a diminuição do movimento de vendas nas barracas eram freqüentes.

Na realidade, nenhuma barraca foi retirada durante as obras pela duplicação da rodovia. Aqueles que abandonaram seus pontos o fizeram por consequência do baixo movimento e do enfraquecimento das vendas, talvez como uma alternativa lógica: levar a barraca para onde pudesse obter mais êxito. Contudo, a presença de elementos estranhos à vida dos moradores desorganizava um cotidiano até então denominado como pacato e interferia negativamente no movimento do comércio, provocado pela diminuição dos carros que transitavam por ali e dos fregueses. Estes “elementos estranhos” foram nos interessando a partir do momento em que apontavam situações capazes de nos indicar as características peculiares ao cotidiano e aos hábitos daquelas pessoas.

Com as obras, alguns comerciantes passaram algum tempo sem receber a habitual visita de seus fregueses. Para alguns a diminuição do movimento de vendas pressionou a busca por outras atividades remuneradas, capazes de garantir o pão de cada dia. Outros moradores, também habituados à atividade comercial, encontraram emprego junto à construtora, por exemplo como vigia noturno como o Sr. João Cardoso ou como motorista, no caso do Sr. Antonio Ozete. Estes trabalhos, mesmo que temporários, representavam a possibilidade de driblar as dificuldades impostas pela falta de movimento no comércio.

É evidente que as obras de duplicação da rodovia alteraram muitos aspectos do cotidiano dos moradores, mas as transformações não se resumem a ela. Elas constituem o resultado de um processo que já vinha acontecendo, não apenas pelas exigências do DNER que mencionamos e mais ainda pelas opções dos próprios moradores.

Na década de 1990 as mudanças já se faziam notar, mesmo que atenuadamente.

²² D. Maria Socorro da Silva. Entrevista realizada em 14/08/05.



Foto 2. Vendedor e fregueses na barraca às margens da rodovia. Foto cedida para a pesquisa pela Sra. Maria de Fátima.

Como é possível observar nesta fotografia de aproximadamente 1995, conseguida junto a Sra. Maria de Fátima, de 45 anos, que hoje mora em Patos de Minas, a barraca se situava bem próxima à rodovia. Nela queremos destacar a antiga barraca de palha. O trabalhador transportava as mercadorias a serem vendidas de sua residência para um local que ele poderia escolher. As barracas estavam situadas bem nas margens da rodovia, o que facilitava ao cliente a observação dos produtos à venda e influenciava na sua possível parada.

Diferente destas, são as que encontramos atualmente, como podemos verificar na fotografia a seguir produzida em maio de 2006.



Foto 3. Antonio Ozete atendendo a um comprador em sua barraca, ao fundo as obras de duplicação da rodovia. Acervo da autora. 01/05/06.

É perceptível o distanciamento que a barraca está da margem da rodovia. Nela o trabalhador Antônio Ozete atende a um freguês que precisou sair da rodovia para comprar. Ao fundo vemos imagens da duplicação da BR 153.

O impacto da mudança na paisagem despertou-me lembranças daquelas barracas de palha que margeavam a rodovia. Tais lembranças me remeteram ao cotidiano da minha infância onde presenciava e observava pessoas queridas se levantarem todos os dias de madrugada, pegarem o carrinho de mão e o empurrarem até a barraca, transportando nele uma diversidade de produtos que ficariam expostos até de tardezinha à espera de fregueses.

O trabalho na barraca era e ainda é atividade cotidiana de muitos dos moradores e o transitar de carros e caminhões na rodovia parecia/ parece “quebrar” o silêncio que prevalece sobre o lugar. Quando um carro parava na barraca começava uma agitação maior. Alguém gritava de lá: “Olha o freguês!” E o dono(a) da barraca saía correndo para não deixar o carro ir embora. Alguns trabalhadores preferiam ficar o dia inteiro na barraca, principalmente quando estas se situavam longe de seus locais de moradia. Muitas barracas se situavam em frente a residências, outros moradores preferiam buscar lugares distantes, considerados de melhor movimento. Era comum a identificação de ‘pontos bons’ ao longo daquele trecho. Vários fatores caracterizavam um ponto bom: a localização de um lugar plano e, por isso, propício à parada dos carros; lugar que havia muito movimento onde o dono poderia angariar lucros significativos num bom dia de venda. Alguns outros pontos eram famosos pela tradição de que sempre foram bons de

venda. Nesse sentido, a intervenção do DNER, em 2004, foi significativa para modificar algumas práticas adotadas pelos trabalhadores do comércio. Como podemos inferir da narrativa de Antônio Edvan da Silva, em entrevista realizada em 06 de maio de 2007:

“Alguma diferença é o seguinte, porque a da beira da pista cê podia por a mercadoria numa condução, igual eu mesmo que tinha uma combi na época, e cê podia escolher um lugar melhor, escolher o seu ponto de trabalho e na sua casa cê podia deixar outra barraquinha com um irmão olhando, uma esposa olhando. Então pra hoje mudou nesse sentido aí, que eu tenho um ponto fixo e tem que acostuma o freguês a vim no ponto que eu tenho hoje, mas a questão é que naquela época o tipo que tinha era esse, porque eu não tinha o meu ponto fixo, é nesse sentido”²³.

Mudanças importantes na maneira de trabalhar, a possibilidade de ter outra barraca que não fosse aquela em frente a sua residência foram diminuindo gradativamente. Era plausível para uma mesma pessoa manter duas ou mais barracas, para isso contava-se com a ajuda da família que dividia entre si as obrigações de cuidar da barraca e das vendas. Já não é freqüente diferentes barracas de um mesmo dono, a presença da família auxiliando as atividades comerciais ainda permanece, principalmente porque o dono da barraca precisa sair para cuidar de outros interesses, como por exemplo estar empregado em outra atividade.

Além disso, a barraca de palha comportava relações diferentes que não são mais necessárias como o trabalho daqueles que se empenhavam em ir às matas do cerrado buscar a madeira e a palha para construí-las. As novas barracas funcionam muitas vezes como pequenas lojas de conveniência, de produtos caseiros a industrializados, de sucos e cafés a refrigerantes e cervejas; algumas mantêm funcionários e permanecem abertas durante 24 horas.

O senhor Antônio Edvan acompanhou o processo de retirada das barracas do entorno da rodovia e nos relata uma mudança importante na maneira de encarar a atividade: a necessidade de fixar um ponto de comércio em um único local. Durante esse processo, muitos moradores optaram por construir os estabelecimentos comerciais em frente a suas residências. Outros moradores optaram por abandonar a atividade, elencando como justificativa para tal a diminuição do movimento de fregueses ocasionada pelo fato de a barraca ter que ficar distante da rodovia, como aconteceu com o senhor João Aparecido que preferiu mudar para a cidade e montar um bar: “As barraca

²³ Antônio Edvan da Silva, fala sobre as modificações na sua maneira de trabalhar em entrevista realizada em 06/05/07.

era na faixa, hoje já num tá tendo mais essas barraca na faixa. Hoje só trabalha em barraca quem tem barraca fora da faixa, por isso que parô assim as barraca e eu parei de mexê com barraca”.²⁴

Ao falar da faixa, ele se refere à margem da rodovia estabelecida como pertencente ao DNER, onde não se pode construir:

*“É porque é o lugar, na faixa num... é dentro da DNER, num pode mexer com barraca dentro da faixa da DNER, e antes também era melhor pro cê trabalhar, era melhor de movimento e agora já ficou mais ruim e as barraquinha que tinha, hoje já acabou tudo, só tem as mais pra fora da faixa”.*²⁵

A expressão ‘mais ruim’ que o Sr. João Aparecido faz questão de ressaltar indica as dificuldades, cada vez maiores, em se manter no trabalho com a barraca. A falta de movimento de vendas numa atividade que influenciava diretamente as suas condições de sobrevivência e, conseqüentemente a sua maneira de viver, o leva a perceber que pelo pouco retorno financeiro não vale mais a pena permanecer ali. Na seqüência da entrevista ele diz: ‘tava ficano difícil, num tinha jeito, num tinha mais recurso’. Diante destas condições, superá-las significou ir para a cidade mais próxima.

Hoje, alguns hábitos permaneceram e outros mudaram bem como as pessoas e o lugar. È o sentido das mudanças, das idas e vindas, dos sucessos e dos percalços que queremos percorrer e investigar. Ali, o viver engloba todas as atividades da vida humana. Trabalhar é gestar a vida: transitar todos os dias de um lugar ao outro em busca de melhores condições, de um viver melhor, com dignidade.

Mesmo ganhando pouco, o Sr. Antônio Ozete, hoje com 36 anos, manifesta a sua opção por permanecer no lugar. Centralinópolis é a sua referência de vida e de trabalho. Na sua fala vemos afetividade e valorização do lugar:

*“Assim, teve muitos que mudô que não tinha seus lugares, às vezes pagava aluguel, alguns num era dono... aqui, no caso a gente é dono, a gente fica né? Aí dá pra sobrá mais um pouco e a gente gosta também do local, é nascido e criado aqui.”*²⁶

²⁴ João Aparecido. Entrevista realizada em 13/08/2005, em Canápolis. Ele morou em Centralinópolis durante dez anos, cinco deles dedicados a atividade comercial nas margens da rodovia.

²⁵ João Aparecido. Entrevista realizada em 13/08/2005

²⁶ Antônio Ozete. Entrevista realizada em 12/08/05.

Queremos nos deter um pouco nesta explicação. Quando chegamos ao local, ouvimos de vários moradores que o lugar está se acabando. As lembranças dos moradores mais antigos remetem a outro tempo, quando Centralinópolis tinha outra configuração. Sabemos disso, a análise das entrevistas nos permite buscar esses elementos. Entretanto as mudanças físicas do local não exprimem apenas uma dinâmica natural do movimento das pessoas.

De fato, os sujeitos possuem escolhas, desejos de mudança e partem impulsionados por eles. Esses desejos e escolhas são essencialmente subjetivos, constituem interesses e expectativas particulares e são formulados no viver, no compartilhar uma realidade desigual. Nos movimentos das pessoas vemos como as expectativas de mudança prevalecem e apontam para questões que ainda estamos longe de solucionar.

Considerar que muitos mudaram, pois não tinham os seus lugares, entendido como acesso a moradia própria, significa também levar em conta o arrochamento das condições de sobrevivência. Isso leva a pensar que os sentimentos que sustentam o pertencer não são os mesmos, ou seja, as condições que levam uma pessoa a ficar ou a partir envolvem muito mais do que as diferenças de opções e desejos particulares, elas também se pautam na desigualdade de oportunidades. Recusamo-nos a considerar que tais oportunidades dependam apenas de um investimento individual, embora reconheçamos as motivações particulares em cada trajetória. Buscamos uma vez mais reafirmar as experiências e memórias que os sujeitos compartilham no processo de afirmação de seus costumes e valores. A narrativa de D. Maria do Socorro traz uma interpretação das mudanças observadas por ela nos últimos anos:

“Aqui tinha muita gente, tinha bastante diversão assim, campo de futebol, o povo jogava muita bola aqui, né? Foi muitos anos jogando bola aqui, né? Foi muitos anos jogando bola; era bom, aqui era bem divertido, mais agora, ultimamente o povo mudo tudo, né? Uns porque acho que a escolinha não fazia vantagem pros filhos deles, que filho tinha que estudar fora que lá era melhor, né? E outras porque pra mudá, como diz o caso, piora a situação; caça um jeitinho de vivê, né?”²⁷

O relato apresentado acima expressa razões que levaram algumas pessoas a deixarem o lugar, muitas o fizeram por não o sentirem mais como seu e outras para melhorar de vida. Aqueles que permaneceram é porque conquistaram o seu lugar e

²⁷ D. Maria do Socorro da Silva, moradora de Centralinópolis há mais de trinta anos. Entrevista realizada em 14/08/05.

ainda se identificam com ele, com toda uma carga de valores simbólicos construídos no bojo dessas trajetórias, capazes de se reafirmarem no presente.

Dessa maneira, torna-se possível problematizarmos dois aspectos: primeiro, o fato de ser opinião comum de que o lugar está se acabando; em segundo lugar, o transitar das pessoas na busca cotidiana por um viver melhor, entendendo que melhorar de vida nem sempre significa sair, e que está intimamente relacionada à maneira como as pessoas vão organizando seus viveres e se tornando, através deles, pertencentes a todo um modo de vida ao qual se identificam. Tentaremos explicar ambos os aspectos com o intuito de buscar outras opiniões e entender os significados que essas diferentes percepções e impressões, manifestado nos relatos dos depoentes, têm nas experiências que eles foram vivenciando.

Falamos em percepções e impressões por entender que os depoimentos trazem indícios das situações vividas. Não há, portanto, preocupação com a verdade em si, ou seja, com os dados “objetivos”. Neste intuito, pretendemos buscar os significados das experiências das pessoas, que vêm marcadas por sentimentos, valores e visões de mundo diferenciadas.²⁸

A partir da análise, queremos apontar as razões que levaram muitos a se dirigirem para Centralinópolis e ali reordenar suas vidas, qual a importância desta mudança na vida de cada um dos narradores. Os depoimentos das pessoas que chegaram e participaram da constituição do lugar, e das que permanecem, expressam uma maneira de encarar a vida que se pauta no movimento da mudança, embora o sentido da mudança não esteja na ruptura com o passado e se situe primordialmente nas pequenas conquistas do dia-a-dia, naquilo que esperam ser diferente para seus filhos e netos. Referimos-nos às necessidades de sobrevivência, que impelem as pessoas a abandonarem um lugar de origem e buscarem outros onde esperam construir uma vida melhor para si e para os seus filhos. As pessoas falam de desejos e de opções que precisam ser entendidos no interior de suas trajetórias.

Quando perguntamos a D. Luiza se ela sentiu muita diferença do seu lugar de origem, ela diz:

“A diferença que tinha, eu quase num senti diferença de nada, que toda vida eu trabalhei, né? Toda a vida eu trabalhei, cheguei aí, trabalhava, panhava

²⁸ Como nos aponta: KOURY, Y. A. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 2001, n 22, p. 79-103.

laranja no Estado de São Paulo, panhava café perto de Uberlândia (...) era sempre trabalhando porque o meu ramo de vida, toda vida foi esse.”²⁹

Vindos de diferentes lugares; que hoje se tornaram longínquos, “o seguir em frente” ganha uma atribuição particular na vida de cada um dos depoentes, embora eles expressem a consciência de que compartilham uma mesma expectativa: “Uma situação melhó, (...), um jeito de viver melhó”³⁰

D. Luiza, hoje com 66 anos, morou numa chácara nas imediações do povoado de Centralinópolis durante 20 anos; ali ela e o marido acabaram de criar os filhos. Eles vieram de Florânia, no Rio Grande do Norte, em 1958, trabalhar em grandes propriedades que ela se refere como vida nas fazendas. Primeiramente ela me fala de um cotidiano difícil vivido no Nordeste, depois se refere à viagem para Minas Gerais como uma saída, uma maneira de superar as dificuldades enfrentadas no lugar de origem. Ela resume sua trajetória da seguinte maneira:

*“Ai, a minha vida foi... eu morava com os meus pais, trabalhava nas roça junto com eles... era uma vida muito boa e sempre muito sofrida porque no Norte num é fácil, né? Num é fácil... mais nós vivia feliz assim mesmo como pobre, né? Mais sei que nós era feliz trabalhando com nossos pai assim mesmo... depois casei muito novinha, mais casei lá e depois é que a gente veio embora pra cá em cinqüenta e oito... em cinqüenta e oito foi que nós viemo pra cá e ficô só morano nas fazenda, né? Por aqui só nas fazenda, agora depois eu num sei com quantos anos, foi que muitos anos a gente veio embora compra esse coisa aí. Aí, aí eu morei vinte ano, nesse vinte ano aconteceu muita coisa lá, coisa boas, coisas ruim, né? Depois foi que eu resolvi vendê lá e comprá aqui. Aqui agora em Canópolis. Graças a Deus, muito bom aqui onde eu tô morano, vizim aí são uma benção de deus pra mim... fico sozinha, mais fazê o quê, né?”*³¹

O motivo que levou D. Luiza deixar sua cidade natal foi porque lá a vida era apertada e difícil, onde ela e a família passavam por muitas privações. Quando chegou nas fazendas em Minas Gerais, ela diz que encontrou muita fartura, e que daquele momento em diante as dificuldades se minimizaram, mesmo quando ela e a família tiveram que deixar a vida nas fazendas para vir morar numa chácara próxima a Centralinópolis e continuar trabalhando para terminar de criar os filhos. Após a morte de seu marido, vendeu a chácara e foi morar em Canópolis.

²⁹ D. Luiza Edite. Entrevista realizada em 17/10/05, em sua residência, em Canópolis.

³⁰ Sr. Júlio Cândido. Entrevista de 14/08/05.

³¹ D. Luiza. Entrevista realizada em 17/10/05.

“Eu fiquei sozinha, né? Então se fosse pra vivê lá, eu num conseguia vivê sozinha lá, então aqui eu me achei mais feliz, pra morá aqui nomeio de mais gente. Se eu fosse morá sozinha lá, eu num conseguia, né? Morá naquela berada de pista aculá (...). A gente num pode fazê nada pra arrependê, vendi de coração (...), eu vô lá, mais rapidinho eu quero voltá pra trás, não consigo ficá muito tempo lá.”³²

A chácara onde também trabalhava na barraca junto ao marido e os filhos ficaram para trás, com todos os significados de uma vida. Quando ela volta para uma visita ao local não consegue ficar muito tempo lá. Talvez a lembrança de uma vida em comum que não voltará mais e as dificuldades em continuar a viver na chácara, agora sozinha, como expressa no excerto acima, tenha levado D. Luiza a preferir morar em Canápolis. Na sua narrativa ela ressalta que se sentiu feliz em mudar, pois na cidade, apesar de viver sozinha, a presença de vizinhos mais próximos acaba lhe oferecendo mais segurança.

- Jheneffen: “E sua vida ali, D Luíza, como era?”

- D. Luíza: Ai! Aquela vida ali, o que eu posso-te contá é que eu gosto de todo mundo ali, todo mundo são meus amigos ali e Gonzaga tocava a barraca e eu vivia às custa dele, ajudava ele, é o que eu tenho que contá.”³³

D.Luíza acha que não tem muito a contar, mas certamente ela tem muito a nos dizer. No momento da mudança para a cidade, ela sabia que não era mais viável ficar ali. Seus filhos crescidos já tinham ido embora. O que lhe mantinha era o trabalho ao lado do marido como “sempre” fizera. Cuidar da casa, cuidar da barraca, cuidar da vida.

Não foi muito diferente, do momento em que ela e o marido tiveram que mudar da Faz. Pirapitinga onde tinham se estabelecido quando vieram de Florânia – RN.

- Jheneffen: “D.Luíza, depois de morar nessas fazendas, a senhora veio morar aqui no entroncamento, como foi isso?”

- D. Luíza: Ai, é por causa de que meu marido ficô, os patrão dele,nosso ,pediu as casas e as lavoura pra formá de capim e criá gado e Gonzaga fez com que arruma um dinheiro, vendeu as lavoura dele e aí, quando colheu comprô essas chácara lá no entroncamento. “Nessa chácara que nós acabemo de criá os filho lá e tamos até hoje por aqui, graças a Deus”.

O cotidiano da vida nas fazendas, muito embora tenha as especificidades de uma produção agrícola voltada para a exportação, se constituía num misto de atividades. A

³² D. Luíza. Entrevista realizada em 17/10/05.

³³ D. Luíza, 17/10/05.

família de D. Luíza, após a vinda do Nordeste, morava numa grande propriedade onde toda a família trabalhava no cultivo agrícola. Muitas vezes recebiam o salário quando colhiam o que plantavam. Com todas as dificuldades enfrentadas, naquele tempo a vida era boa; porque nas fazendas existia fartura:

“Trabalhando, a família toda trabalhava, eu, esposa e tudo; lavano roupa de pião, passano, arrumano e criano os filho. Era um filho atrás do outro... Sei que a vida era difícil... mas foi boa a vida da gente, mesmo trabalhando nas fazenda. Fartura tinha muita, né? Filho tinha muito também ... primeiro pra eu cria e depois eles trabalhá, era um filho na barriga e outro no chão.

A necessidade de tanto trabalho era para, primeiro, criar os filhos, manter a sobrevivência, mas também significava a luta por uma vida mais digna para seus filhos: *“Graças a Deus meus minino num sabe o que é sofrimento, mas eu subi”*. Quando fala sobre o sofrimento, D. Luzia, se refere à vida difícil, uma trajetória cheia de privações que ela não deseja para ninguém:

- Jheneffen: “Por que a senhora veio do Nordeste?”

- D. Luíza: Porque lá era muito apertado, lá era muito difícil as coisa, a gente passava precisão... Meu pai era muito trabalhador, né? Mais era muito filho... a gente vivia porque vivê por vivê, mais era uma vida difícil...³⁴

As necessidades às quais ela se refere são dificuldades em relação à falta de trabalho e renda, aos limites colocados à sobrevivência pelo lugar de origem. No decorrer do depoimento, ela vai enumerando outras situações que estão simbolizadas na expressão “pra arrumá o pão de cada dia”. Independente de qual seja o lugar para onde ela teria que se dirigir, ela expressa a sua consciência de que teria que continuar lutando para enfrentar a tarefa de criar os filhos, de auxiliar o marido, por isso ela diz que não sentiu muita diferença de um lugar para o outro, seja do Nordeste para as fazendas, seja das fazendas para a chácara perto de Centralinópolis. Ela diz: “eu quase num senti diferença de nada, que toda vida eu trabalhei, né?”

Desse modo, a referência que faz à fartura parece não indicar, por um lado, uma positividade tão significativa em confronto com as dificuldades enfrentadas, pois se sentia feliz no Nordeste apesar de reconhecer que a vida era sofrida. Entretanto a ausência de trabalho e de renda, o número de filhos, a escassez de água, entre outros, aparecem com motivos relevantes para decidir ir embora:

³⁴ D. Luíza. Entrevista realizada em 17/10/05.

- **Jheneffen:** “A vida era sofrida pra todo mundo?”

- **D. Luiza:** Era, pra todo mundo ... pra um mais do que outros, né? Que era aqueles que tinha um movimento de, um ritmo de vivê, um servicinho a mais... Mas a vida era difícil pra todo mundo mesmo, a vida era difícil ... Principalmente sobre água, Ave Maria! Era um sofrimento. ³⁵

Neste momento de sua vida em que percebeu que não era mais possível continuar ali, ela e a família viram, na mudança do Nordeste, uma saída. Embora tenha vindo devendo a passagem, a vida nas fazendas tinha também suas compensações, que a fazem significá-la dessa maneira: “*fartura tinha muita*”. Além disso, e talvez mais incisiva, era a ausência do que fazer ali para continuar mantendo a sobrevivência:

*“Era difícil, a gente tem que contá o que é, né? A verdade doa em quem doer, né? Era muito custosa nossa vida lá... muito difícil... mais nós num tinha o que fazê... tinha que segui como Deus quiria, né? Ai em cinqüenta e oito a gente veio pra cá e depois que a gente chegou aqui, graças a Deus, nunca mais passemos apertado não, mais lá nós passava.”*³⁶

Sair quando as oportunidades são escassas, quando as possibilidades de um futuro melhor parecem esgotadas, são pontos comuns nas falas dos depoentes. Sr. Júlio Cândido, ao narrar a sua trajetória, conta que por duas vezes morou nas proximidades de Centralinópolis. Ele, como muitos outros moradores, chegou ali, vindo do Nordeste, para trabalhar na lavoura. Ele, porém, em um momento quis tentar a vida na cidade. Isso aconteceu há aproximadamente quarenta anos, quando foi para Itumbiara tentar uma vida melhor, como essa experiência parece não ter correspondido às suas expectativas, um ano depois de ter mudado, retornou para sua chácara, nas proximidades de Centralinópolis.

- **Jheneffen:** “O senhor veio pra cá, depois mudou, depois voltou de novo, para onde o senhor mudou?”

- **Sr. Júlio:** É, foi pra Itumbiara. Nós passô só um ano lá e depois voltou pra cá e daqui num saímo nunca mais. ³⁷

Em sua narrativa ele explica o motivo de sua opção por permanecer ali:

³⁵ D. Luiza. Entrevista realizada em 17/10/05.

³⁶ D. Luiza. Entrevista realizada em 17/10/05.

³⁷ Sr. Júlio Cândido de Araújo fala de seus enfrentamentos. Entrevista realizada em 14/08/05.

“Não, mudança... mudô procurando uma melhora, né? Todo mundo que muda é sempre procurando uma situação melhor, né? Mudou pra procurá um jeito de vivê melhó e lá num deu nada. Ficou o tempo todo lá e num deu nada, e quando pensô que ia passá fome, teve que vim pra cá, pro mesmo lugarzim.”³⁸

A cidade de Itumbiara, naquele momento, se apresentou como uma possibilidade de mudar de situação. Ele nos diz que o que o motivou foi a busca de melhoria de vida; no decorrer do depoimento percebemos que essa melhoria significa, para o depoente, buscar na cidade melhores condições de trabalho, moradia, enfim de um viver mais digno do que aquele que seu trabalho na zona rural lhe possibilitava.

Entretanto, a não realização de suas expectativas em Itumbiara o fez retornar. Sua experiência naquela cidade parece se constituir em um momento marcante na sua vida; é a partir dela que ele afirma sua opção por permanecer. Ao mesmo tempo, ao nos falar sobre suas lutas, vai desmistificando a idéia da cidade de Itumbiara como representativa do “lugar das possibilidades”. Apesar de toda a sua determinação para a mudança, ele não atribuiu a volta para o lugar que deixara, como um fracasso pessoal. Ele nos descreve que o momento de sua volta coincidiu com uma crise no governo de Goiás, que sua fala aponta como deposição do mandato de um governador de Goiás:

“Aí foi o tempo de uma crise muito grande lá em Goiás, tavam tirano o governo de lá, né? Tava quereno cassá o mandato dele como de fato cassaro mesmo. Ai aquilo ali ficô ruim demais, num tinha um emprego, num tinha nada pra gente... digo: ‘Ah, vamo embora daí, vamo vendê isso aqui’.”³⁹

Chegando à cidade, ele conseguiu comprar um lote, construir uma moradia humilde que lhe tirou do aluguel. A crise a que se refere tinha tornado a sobrevivência muito mais dificultosa.

“Aí aquilo ali ficô ruim demais, num tinha um emprego, num tinha nada pra gente... digo: ‘Ah, vamo imhora daí, vamo vendê isso aqui’ (...) Num tinha do quê vivê lá, tinha que cai fora, né? Nós vendeu a casinha e virô pra trás, veio pra cá. E desse dia pra cá nós num saiu mais daqui.”⁴⁰

³⁸ Sr. Júlio Cândido de Araújo. Entrevista realizada em 14/08/05.

³⁹ Sr. Júlio Cândido. Entrevista realizada em 14/08/05.

⁴⁰ Sr. Júlio Cândido. Entrevista realizada em 14/08/05.

Sua experiência anterior na cidade faz com que esta seja, depois, um lugar pouco compensador. Quando voltou Sr. Júlio encontrou sua casinha ‘no mesmo lugarzim’. É verdade que era ‘muito ruimzinha’, mas foi ali que ele escolheu ficar, desistindo do seu objetivo de morar na cidade e começou a intervir para a mudança: “Dispejô ali e foi trabalhá; foi trabalhá, plantô roça de abacaxi e colheu e tá até hoje”.

Dessa forma o Sr. Júlio Cândido explica que entre as dificuldades encontradas seja na cidade de Itumbiara, seja em Centralinópolis, ele optou por esta, pois foi a que se apresentou como segurança de um futuro mais tranquilo:

“Não, aqui a gente vivi tranqüilo, num quero mudá mais não. E aqui é bom pra nós, num é ruim não. Aposentô o velho e a velha, né? E a coisa que mais preocupava a gente aqui era a energia que num tinha. Ai veio esse plano do governo e a gente fez uma força danada pra pô esse negócio aí que a prestação era cara, né? Mas nós deu conta, eu e ela. Nós demo conta e pus a energia e agora, era só o que faltava só. Agora tá bom, tá tranqüilo, nós tem as nossas coisinha aí, num é que nem de rico mais dá bem pra vivê, né? É casinha, tem um rádio, uma televisão, uma coisa lá e tem a energia que é o principal.”⁴¹

Sr. Júlio fala sobre sua vida hoje, para chegar onde está ele precisou superar muita coisa, inclusive a conquista da energia elétrica que ele valoriza como o principal elemento, aquele que lhe faltava para lhe garantir uma vida mais confortável. Para além disso, o acesso à energia elétrica, conquistado com muito sacrifício, parece indicar uma participação nos bens e serviços públicos e seu sentimento de ter conquistado a tranquilidade oferecida por esse benefício, o qual lhe possibilitou a compra de um rádio, uma televisão, objetos que se tornaram importantes para compor a sua satisfação de ter conquistado um pouco de conforto para sua família.

Começamos então a indagar sobre estas questões que vão compondo o viver e permeando as escolhas das pessoas. Anteriormente pensávamos que ao chegar a Centralinópolis elas se deparavam com a necessidade de (re)construir seus valores; agora, começamos a entender que para muitos depoentes significa a manutenção daquilo que eles trazem enquanto experiência e “saber fazer”, simultaneamente, uma ‘incorporação’ de outros valores à medida em que as relações de trabalho e as necessidades do viver vão se modificando.

Entroncamento: essa é uma das palavras que identifica a região de Centralinópolis. Para além do espaço físico, ela significa também lugar onde os

⁴¹ Sr. Júlio Cândido. Entrevista realizada em 14/08/05.

caminhos se cruzam, lugar de vivências múltiplas e multifacetadas. Nesses caminhos as pessoas se encontram, de passagem ou para permanecer ali, construir suas vidas, constituir famílias, lutar pela sobrevivência.

Foi nessa perspectiva, mudar para encontrar um jeito de viver melhor, que o lugar foi se configurando nas vivências e experiências cotidianas de seus moradores. Vindos de diferentes lugares que se tornaram longínquos, o seguir, a caminhada, tem significados diferentes nas elaborações das pessoas que vivem ali. D. Antônio, de sessenta e oito anos, que veio do Rio Grande do Norte há aproximadamente cinquenta anos, assim nos relata:

“Quando eu vim pra cá eu vim num caminhão pau-de-arara... É vim num caminhão pau-de-arara, eu só tinha dois minino de braço, tinha um com onze meis... quando eu vim pra cá tinha um filho com onze meis e um com um meis e aí os outro eu criei aqui.”⁴²

O caminhão pau-de-arara refere-se às condições em que foi feita a viagem e ao grupo ao qual se identifica. Podemos tentar imaginar como foi essa viagem e os significados que teve na vida de D. Antônio. Vir em um caminhão pau-de-arara e vir apenas com dois meninos de braço supõe uma série de riscos que ela estava disposta a enfrentar. D. Antônio chegou em Centralinópolis em 1953, em nenhum momento da entrevista ela fala sobre seu lugar de origem ou do motivo que a impulsionou a se estabelecer ali. Ela enfatiza as dificuldades que enfrentou cotidianamente ao lado do marido e dos filhos, onde o trabalho aparece como uma afirmação de uma vida plena de lutas e superação cotidiana:

“É vim do Rio Grande do Norte, vim pra cá eu só tinha um filho de onze méis e depois eu criei os otros tudo aqui... criei doze... doze filho, tudo aqui e tudo trabaiano, trabaiano na roça. Levantava de madrugada pá (fazê) comida pra eis [eles] i trabaia na roça e eis ia mais o pai deles trabaia na roça e eu passava o dia lavano ropa, fazeno farinha, fazeno provilho, tratano de porco, tratano de galinha, é... e trabaiano sem pará, lavano ropa, passano ropa, arrumano a casa. Era sirviço, era tudo doido assim, correno o dia inteiro até as onze hora da noite e levantava treis hora da madrugada pra trabaia dinovo e assim era direto a vida toda, criei treze filho, nunca fui no hospital pra cria esses filho, criei tudo na roça trabaiano, criaro que nem porco no chiqueiro.”⁴³

⁴² D. Antônio Pereira da Silva. Entrevista realizada em 12/08/05.

⁴³ D. Antônio Pereira da Silva. Entrevista realizada em 12/08/05.

No bojo dessas lutas, D. Antônia, hoje com quase setenta anos, assim como muitos outros moradores que participaram da configuração do lugar, ressalta as dificuldades vividas ali para enfatizar que a opção por permanecerem ali, com todos os problemas que ainda enfrentam, significa também uma maneira de se afirmar como sujeitos.

Desse modo, podemos verificar esse mesmo sentimento de pertencer ao lugar na fala de D. Maria do Socorro da Silva, moradora do local há mais de trinta anos: “Gosto daqui, criei meus fio aqui, né? Então o meu destino é ficá aqui mesmo. Eu sempre falo pros meus amigo que some: “Gente, eu tô aqui, oéis num precisa procurar noutro lugar, eu tô aqui.”⁴⁴

O sentimento de ter enfrentado as dificuldades do viver se apresenta, na narrativa de muitos depoentes, principalmente os que moram no lugar há muito tempo, também como um sentimento de realização pessoal.

De maneira semelhante, o Sr. Ubaldo, esposo da D. Maria do Socorro, que chegou a Centralinópolis, vindo de Monte Alegre de Minas, nos fala também das dificuldades que precisou enfrentar. Na sua forma de compreender, as dificuldades fazem parte do viver: “É dificuldade toda vida a gente teve, gente nunca teve o apoio de ninguém, é enfrentando sozinho mesmo, né? Estudo poco e a gente mexê com comércio e lavora num é fácil pra quem não tem estudo, né?”⁴⁵

O sentido da mudança se localiza no enfrentamento cotidiano das dificuldades. Sr. Ubaldo nos fala da falta de apoio, da perda de seus pais ainda criança, da falta de oportunidades para freqüentar uma escola. A mudança significa, para ele, buscar meios de melhor educar os filhos. No lugar de origem, seus filhos já crescidos ainda não tinham recebido educação formal. Pensando nisso, foi então que ele decidiu mudar. Comprou uma casa e uma mercearia em Centralinópolis. Como ele mesmo aponta, aqui não tinham tantos ou mais recursos do que o lugar de onde veio, mas ganhou nova configuração a partir de sua vivência no lugar. Ele nos expressa o seu enfrentamento:

- Jheneffen: “E o senhor foi construindo sua vida aqui... Como foi construir a vida neste lugar?”

⁴⁴D. Maria Socorro. Entrevista realizada em 14/08/05.

⁴⁵ Sr. Ubaldo Elias Ferreira. Entrevista realizada em 14/08/05.

- **Sr. Ubaldo** *É, num foi fácil não, né? Que a gente que não tá ambientado com negócio é difícil ocê mexê com o povo, né? E naquela época tinha mais gente do que hoje e tinha muita confusão, mas com fé em Deus a gente vence, né?*

(...)

*“é, eu num gostava daqui não, mais depois que a gente veio pra cá consertô muita coisa ... eu hoje gosto daqui, e não gosto da cidade não, gosto do sossego, né?”*⁴⁶

Os sujeitos no decorrer de suas vivências imprimem marcas no espaço onde vivem, é o sentido de ter vivenciado as dificuldades, alegrias, frustrações e recomeços, de ter construído um viver melhor através de suas lutas cotidianas que o sentimento de pertencer vai se transformando, juntamente com novas maneiras de olhar para onde se vive e para os valores construídos nesse movimento.

É interessante observar que, para vários depoentes, Centralinópolis não é cidade, apesar de existir lá uma configuração urbana, com ruas demarcadas e comércio. A idéia de cidade se localiza no modo como as pessoas encaram a atividade comercial, um aspecto que movimenta o local em termos de renda e de trabalhos que estão disponíveis. Essa atividade dá outra configuração ao elemento rural que está representada pela quantidade de chácaras e trabalhos rurais disponíveis aos habitantes. Nesse sentido, Centralina e Canápolis são as cidades mais próximas com as quais os moradores de Centralinópolis se relacionam.

Outro aspecto a observar são as imagens sobre o lugar que aparecem nos depoimentos citados. A primeira delas é a do lugar pacato, tranquilo e bom para se viver para os mais velhos e também para os que decidiram mudar dali. Entretanto, as pessoas que mudaram enfatizam que o lugar não possui os mesmos recursos e movimento que a cidade pode oferecer. Mesmo para os moradores mais jovens que optaram por permanecer ali essa imagem de tranquilidade aparece, o que não os impede de procurar as cidades próximas para dar continuidade aos estudos.

Outra imagem que se destaca é a do lugar do trabalho, seja nas chácaras vizinhas, seja no comércio, como donos de barracas, atualmente situadas num cômodo em frente a suas residências. Nessa relação com o trabalho, os moradores que vieram de outra localidade, como, por exemplo, as regiões do Nordeste, ressaltam as dificuldades vividas para marcar a sua opção por permanecer ali, ou seja, de todos os lugares que tinham vivido anteriormente, Centralinópolis foi onde depositaram as expectativas de um viver mais seguro e digno.

⁴⁶ Sr. Ubaldo Elias Ferreira. Entrevista realizada em 14/08/05.

As mudanças físicas podem ser percebidas rapidamente por quem tem o hábito de transitar pelo local. Dos anos 1990 para atualmente, notamos a diminuição e até a extinção das antigas barracas situadas às margens da rodovia BR 153. É possível perceber ainda que a escola permanece desativada - uma vez que os alunos são transportados para as escolas de Canápolis - e que a presença de orelhões tornou desnecessário o antigo posto telefônico mantido pela Prefeitura de Centralina. Além disso, a duplicação da rodovia é a que mais se faz notar pela presença de obras na pista, mas principalmente pela insegurança que a duplicação representa, pelas impressões que traz e porque, embora não seja um conflito que opõe diretamente os moradores contra o processo de duplicação, é perceptível uma tensão latente pela maneira que o projeto vem sendo posto em prática: com um diálogo mínimo e talvez inexistente com a população que está ali.

Os processos de proibição e retirada das barracas de palha no entorno da rodovia e de duplicação foram fatores significativos, pois é evidente que provocaram mudanças na forma de trabalhar e de viver dos moradores e, muitas vezes, resultaram em perdas.

Para alguns, o início desses processos representou o desgaste das expectativas de mudanças em termos de benefício à população local. Para outros, talvez tenha representado uma mudança significativa, que comporta pontos positivos e negativos, mas que não são motivos suficientes para lhes arrancar as esperanças de continuarem ali.

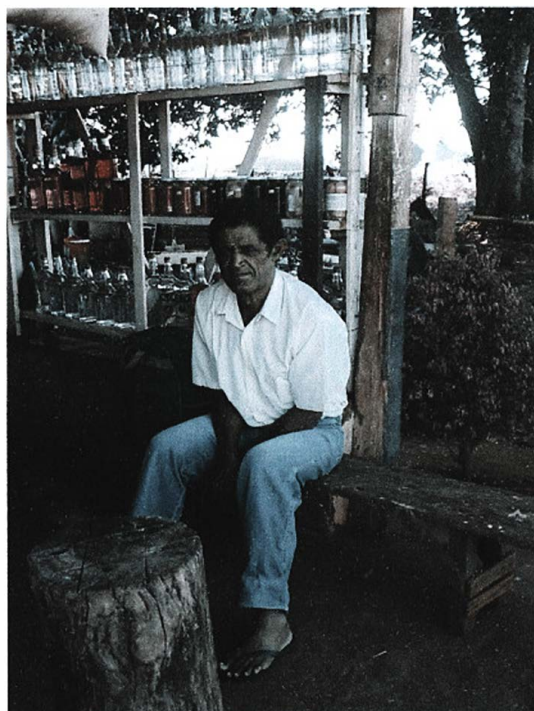


Foto 3. João Cardoso, sentado na porta de sua casa, ao fundo alguns produtos expostos para a venda. Acervo da autora. 06/05/07.

Na fotografia acima, o Sr. João Cardoso espera o relógio apontar as 18:00 horas, horário em que inicia o seu trabalho de guarda-noturno na Construtora Barbosa Melo. Apesar de saber que é um trabalho temporário, ele nos diz que se não estivesse empregado estaria passando muita necessidade, as vendas da barraca não dão nem para fazer a feira do mês. Contudo, na sua maneira de se colocar nesta situação indica a expectativa de que as coisas voltem a melhorar com o término das obras de duplicação.

Em última análise, as transformações na estrutura vieram acompanhadas por elaborações capazes de acomodar os viveres das pessoas à nova realidade. As mudanças que tentamos demonstrar se configuram como resultados das expectativas que os sujeitos desta pesquisa alimentaram durante suas vidas e dos desafios colocados pela necessidade de sobreviver. As diferentes trajetórias que apontamos têm em comum o 'ter que trabalhar pra sustentar a família'. Neste intuito, muitas dificuldades foram e continuam sendo superadas, contudo, cabe considerar que muito do que se esperava foi deixado para trás.

Atualmente as alterações provocadas pela duplicação da rodovia são apenas o lado mais visível das transformações ocorridas no modo de viver das pessoas. Refletir sobre a vida cotidiana, nas suas diferenças e aproximações, colocando as pessoas no centro das nossas preocupações é o que tentaremos fazer no próximo capítulo.

Capítulo II:

Cidade e Trabalho: viveres

“...aqui tem tranquilidade e tem comércio, cê tá dentro da sua casa e tá trabalhando, cê entendeu como é que é?”⁴⁷

“...um lugar que toda vida os morador, as pessoas tornô o lugar tranqüilo.”⁴⁸

Como demonstramos no capítulo anterior, as experiências dos moradores de Centralinópolis se realizam a partir de diferentes escolhas e expectativas que começam a se aproximar no momento em que estas pessoas compartilham sua busca por um viver melhor, indicado em suas narrativas através da defesa de valores essenciais como acesso a moradia: a circunstância de ter um lugar que seja seu, capaz de lhe conferir identidade de sujeito social e o torna pertencente a uma realidade, o que extrapola o simples acesso aos bens e serviços públicos.

Em suas narrativas cada um dos depoentes expressa aquilo que lhe parece mais importante narrar e, com isso, exprime sua subjetividade em relação às experiências particulares. Além dos aspectos materiais e eventos que destacamos, trouxemos para o texto algumas impressões, sentimentos e a afetividade que os sujeitos traduzem na composição de suas narrativas.

Quando lidamos com a lembrança de viveres se faz necessário ressaltar a parcialidade presente em cada narrativa. Ao prescindirmos dos relatos estamos preocupados com o que as pessoas pensam sobre suas vivências - de que maneira elas são ressaltadas, ou em alguns momentos não ditas, e ainda como elas se encontram articuladas ao momento presente – e não com fatos verificáveis. Em seu artigo *A Filosofia e os Fatos*, Alessandro Portelli esclarece:

“Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do

⁴⁷ André Luiz Pereira. Entrevista realizada em 14/08/05

⁴⁸ João Aparecido. Entrevista realizada em 14/08/05.

*qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento.”*⁴⁹

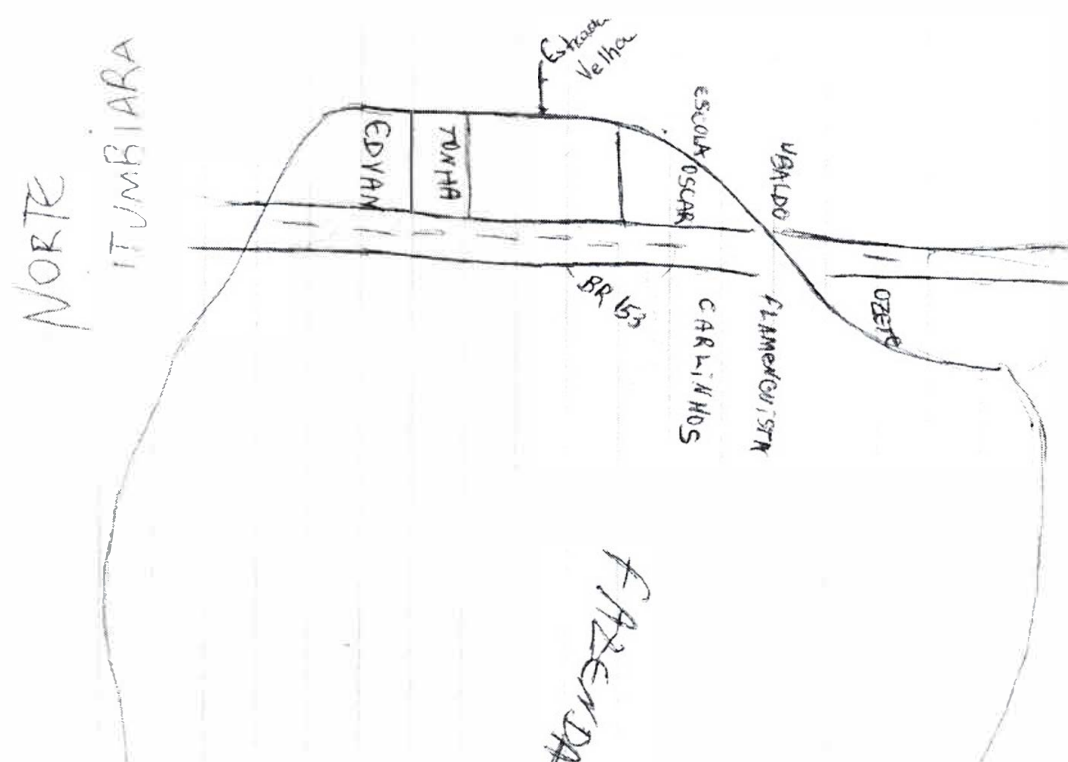
Neste segundo momento do nosso trabalho continuaremos a investigar as trajetórias, experiências e viveres que nos foram relatados e boa parte daquilo que foi possível observar na coleta das entrevistas, tentando enfatizar como a cidade pode ser apreendida em suas ações. O objetivo a que nos propomos é compreender as relações que os sujeitos estabelecem com o real vivido e de que maneira, através delas, expressam e refletem o seu influir na história.

Ao abirmos espaços de diálogo nos empenhamos na construção de um ambiente narrativo onde as pessoas pudessem falar sobre si mesmas, das relações que perpassam o seu cotidiano e constituem a sua cultura; a forma com que se relacionam com o presente e o passado, bem como os seus desejos e expectativas futuras. As situações presentes e passadas e os dados da experiência constituem um conjunto coerente de significados.

Quando nos colocamos diante da consciência que as pessoas elaboram, deparamo-nos com situações e razões muito menos aparentes que são capazes de demarcar os lugares onde essas experiências se movem.

O desenho que apresentamos a seguir se torna elucidativo dessas experiências. Consiste na demarcação entre os limites dos municípios de Canápolis e Centralina. No mapa da cidade de Centralina (Anexo) essas linhas não aparecem; confrontando o desenho ao mapa, Centralinópolis se situa ao longo do Km 34. Ele, o desenho, nos permite compreender como o lugar aparece no entendimento dos moradores. No momento da entrevista em 12/08/05, Antônio Ozete explica como o lugar foi se formando à medida em que grandes fazendas da região foram sendo fragmentadas em pequenas chácaras e vendidas.

⁴⁹ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. In: **Tempo**. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1, n 2, Dez. 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p.60.



Mapa 1: localização das barracas ao longo da rodovia, a estrada velha delimita os municípios de Canápolis e Centralina. Desenho elaborado pelo Sr. Antônio Ozete em 12/08/05.

Para além do espaço circunscrito entre a BR 153 e fazendas vizinhas, pretendemos ultrapassar a localização especificada pela lei que nomina o “antigo povoado do Entroncamento da BR 153”⁵⁰.

Em Atas da Câmara Municipal de Centralina, nos anos de 1986 e 1987, a discussão do projeto de lei que defendia o reconhecimento do povoado do Entroncamento de Canápolis como Centralinópolis foi acompanhada tanto por “*indicações para obras no povoado*”⁵¹ quanto por agradecimentos pela “*presença do pessoal daquele local*”. Naquele momento, obras importantes já haviam sido realizadas como a iluminação pública e a prestação de serviços telefônicos pela CTBC, instalado a partir de um projeto de telefonia rural. Estas últimas já eram discutidas em 1986 e, pelos indícios que as fontes documentais nos permitem, as reivindicações eram mais antigas. A viabilização das demais obras ficaria apenas no papel.

⁵⁰ Lei n 699/87 de 04 de setembro de 1987, Caderno de Leis. Câmara Municipal de Centralina.

⁵¹ Ata da Câmara Municipal de Centralina, 03 de novembro de 1987. p.111.

Tudo indica que as reivindicações dos moradores coincidiram com momentos expressivos de campanhas políticas. Na memória das pessoas que presenciaram esse momento prevalece o desejo de alguns grupos políticos de se empenharem em elevar o Município de Centralina à categoria de comarca. Na documentação textual, as discussões sobre construção de um prédio forense em Centralina coincidem, em algumas Atas, com o debate sobre Centralinópolis.

Passada a efervescência da campanha política, muitos projetos foram engavetados dando lugar aos “mais urgentes”. As principais avenidas de Centralinópolis apesar de terem sido nomeadas, “Avenida Elias Marques Soares” e “Avenida dos Estudantes”, jamais receberam calçamento. Embora as casas estejam numeradas, não encontramos nenhum registro de loteamento nas leis aprovadas pela Câmara Municipal de Centralina nos anos subseqüentes.

Contudo, a construção de Centralinópolis continua através dos moradores, na constituição de suas práticas onde demarcam outros territórios, aqueles que correspondem às relações empreendidas no plano do cotidiano, ao longo de sua trajetória.

Falamos de relações sociais de uma forma ampla, neste âmbito se contrapõem diferentes segmentos sociais, com seus interesses e também se refere à maneira como as pessoas se organizam: pegar o ônibus para o trabalho, levar os filhos na escola ou confiar esta atividade ao transporte escolar fornecido pela Prefeitura são ações capazes de nos fornecer retratos do cotidiano vivido e da cultura desses sujeitos.

Levando isso em consideração, tentamos ultrapassar a localidade Centralinópolis e considerar que a população das pequenas chácaras que margeiam a rodovia é parte dessa população pela proximidade de seus viveres. Tais viveres se referem a uma série de atividades que nos informam sobre as relações construídas entre os moradores de Centralinópolis e os das chácaras vizinhas.

Não é apenas o habitual trabalho nas barracas que os caracterizam, mas todo um modo de vida que enuncia que os viveres ali constituídos não são casos particulares. Se nos remetermos às cidades vizinhas, veremos diferenças no aspecto físico, na organização dos serviços urbanos. Entretanto os elementos que caracterizam o viver nas cidades são muito próximos ao que verificamos em Centralinópolis: a tranquilidade, as relações entre as pessoas que são conhecidas uma das outras, os trabalhos disponíveis nas lavouras, entre outros elementos que esboçam o viver urbano.

Ao falar sobre o lugar, André Luiz Pereira, que veio de Canápolis com a família morar nas proximidades de Centralinópolis, há onze anos, assim se refere: “aqui tem tranquilidade e tem comércio, cê tá dentro da sua casa e tá trabalhando, cê entendeu como é que é?”⁵²

De fato, a frase acima nos permite entender a dinâmica que ali se processa, tranquilidade e comércio, a possibilidade de trabalhar sem a necessidade de se deslocar para o local de trabalho é um dos fatores positivos apontados. Em termos de emprego, estar ali é muito mais seguro, ir para uma cidade maior e se submeter a pagar aluguel e, além disso, suprir as necessidades básicas como alimentação, saúde, educação comporta riscos de passar por privações:

“Não, emprego ele é ... tem emprego, assim, tem um serviço braçal, um serviço bruto, as vezes você encontra algum serviço no posto ou igual tem a Braspelco ali em Itumbiara também que auxilia bastante, só que o salário que eles oferece num, prum casal não dá. É trezentos reais a base, um salário mínimo pra duas pessoas, hoje, pagá aluguel, pagá água, energia e tirá a despesa pra alimentá de trezentos reais, cê sabe que num dá. Então eu acho que não compensa.”⁵³

Dessa maneira, as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores pobres nas cidades próximas, a dura realidade do desemprego e a impossibilidade de levar uma vida segura e tranqüila são fatores desestimuladores. É possível considerar, a partir disso, que o fato de se pertencer a um lugar se refere sobretudo à maneira como as pessoas se colocam diante das possibilidades de sobrevivência, como as constroem e as reorganizam. Neste movimento, muitos desejos e expectativas ainda permanecem silenciados.

*“vontade de saí daqui, não. Enquanto eu num começá a estudá eu prefiro ficá por aqui. Ir pra cidade fazê o quê? Lá dá trabalho, pro cê arrumá um serviço é difícil, cê tem que trabalhá o dia inteiro, ganhá pouco.
(...)
a minha expectativa era sempre... queria muito estudá pra não ficá aqui, pra saí daqui, pra í morá noutro lugar, ganhar melhor, pra vivê melhor”⁵⁴*

Para muitas pessoas, as mais jovens, Centralinópolis é o lugar que cresceram, onde vivem com a família, mais também aparece como uma situação que pode ser provisória. O fragmento acima foi dito por Deise, no momento da entrevista, em agosto de 2005. Ela estava com dezenove anos, tinha concluído o ensino médio e trabalhava

⁵² André Luiz Pereira. Entrevista realizada em 14/08/05.

⁵³ André Luiz Pereira. Entrevista realizada em 14/08/05.

⁵⁴ Deise Ribeiro da Silva. Entrevista realizada em 14/08/05.

durante seis horas na barraca do Carlinhos. Alimentava o desejo de dar continuidade aos estudos, fazer um curso superior, mas mudar para a cidade também lhe parecia pouco compensador.

As tensões entre a realidade que se vive e as ações, os valores e os desejos que as pessoas alimentam expressam conflitos capazes de nos fazer entender a opção das pessoas, entender que o viver dos sujeitos sociais constituem-se em projetos que se colocam em disputa.

Fatores como estes, nos levam a avaliar que os elementos capazes de justificar a permanência ou a saída de moradores estão localizados em desejos e questões muito particulares na trajetória de cada um deles e apontam para um conflito entre o viver ali constituído durante toda uma vida e a necessidade de mudar para se conformar ou não às questões que se colocam no presente.

Tais questões estão relacionadas às mudanças externas que aconteceram no lugar, a duplicação da BR influenciou, de certa forma, na desestruturação de espaços e na construção de outros. Contudo, na análise dos vários depoimentos tomados em conjunto, notamos que as pessoas promovem as mudanças a fim de se colocarem no jogo dessas transformações.

Hoje (2007), quando voltamos a Centralinópolis, observamos algumas moradias em estado de abandono; não tanto por causa de uma busca pela cidade, mas por um deslocamento da moradia e da barraca de um ponto ao outro na mesma localidade, e na maioria dos casos, mais favorável ao exercício do comércio.

Não afirmamos que a duplicação da BR ou qualquer outro fator tenha esgotado as possibilidades de sobrevivência no local, estamos tentando demonstrar um processo articulado pelos próprios moradores. Esses fatores têm sua importância, mas enfatizamos que o viver das pessoas é crucial para entendermos por quais caminhos o movimento da mudança se processa. A duplicação reduz pontos de trabalho, mas diante dela os moradores se reorganizam, articulam outras estratégias de sobrevivência e de pertencimento.

Nesse sentido, o sentimento de pertencer vai se construindo neste trânsito cotidiano onde a mercearia do Sr. Ubaldo, as barracas, as casas, o campo de futebol, a capela, as ruas, as idas e voltas das cidades mais próximas, são espaços de relações tensas.

As tensões se localizam no plano da existência das pessoas, que neste caso, se trata de pessoas que lutam por um viver melhor, para que seus filhos e netos tenham um destino um pouco diferente do que tiveram.

“era difícil...uma vida muito sofrida... graças a Deus meus menino num sabe o que é sofrimento, mais eu subi.... só que a gente via passá tudo, né? Deus fazia aquilo tudo passa pra gente que a gente nem sentia passá aquele sofrimento, né? O que eu tenho pra falá é isso....”⁵⁵

É dessa maneira que D. Luiza demonstra a maneira de olhar para a sua trajetória, considerando que seus filhos não sabem o que significa sofrer. Para ela, a consciência de ter melhorado de vida dá sentido as dificuldades enfrentadas no passado. Entretanto, com observa, seus filhos não sabem o significado do sofrimento, não participaram de suas lutas, é neste ponto que o vínculo com os valores construídos se modifica ou se perde para as novas gerações.

As lembranças persistem na memória dos mais velhos, a segunda geração valoriza muitos daqueles valores que consolidaram, os filhos dos filhos alimentam outras expectativas. As contradições e tensões se expressam também no campo desses valores simbólicos. Para os filhos da D. Antônia e da D. Luiza trabalhar na atividade comercial ainda se constituía em uma opção interessante, de certa forma não a única, mas uma atividade a qual já estavam habituados por auxiliar o trabalho na barraca ou ainda porque a atividade era mais compensadora em relação aos trabalhos oferecidos nas lavouras.

Contudo, o fato de Centralinópolis ser um lugar pouco compensador para muitos jovens não é regra. Estamos lidando com diferentes opiniões capazes de exprimir diferentes situações e escolhas.

“da época que eu vim pra cá até hoje, eu notei que as pessoas mudam mais por causa de família, por exemplo, no caso da D. Luxinha mais o Joãozim por causa dos filho, os filho mudô, eles ficaram sozinhos então foram embora; no caso da D. Luiza, o marido morreu, foi embora também, mais se num fosse esses problema acho que taria aqui até hoje e quem foi embora arrepende, né? Quem foi embora arrepende porque não encontra a tranquilidade que tem aqui, né? Num encontra sossego, né? Porque às vezes a pessoa mora aqui muitos anos fala: “Nossa eu enjoei e tal, um paradão, num tem nada.”⁵⁶

⁵⁵ D. Luiza, entrevista realizada em 17 de outubro de 2005.

⁵⁶ André Luiz Pereira, entrevista realizada em agosto de 2005.

Como vemos, na opinião de André, o lugar em si não é um motivo suficiente para definir as opções das pessoas, mas outros fatores. Como ele mesmo comenta o caso de seus vizinhos que mudaram acompanhando os filhos. Para a maioria dos jovens, Centralinópolis é um lugar que não representa possibilidade de um trabalho melhor, de futuro, a tendência que se nota nesse aspecto é a saída dessas pessoas para cidades maiores e não para Canápolis ou Centralina. Estas são opções para os mais idosos, acostumadas ao modo de vida de uma cidade pequena, semelhante ao que experimentavam em Centralinópolis.

Fatores como a possibilidade de adquirir um trabalho melhor, estar mais perto de recursos como atendimento médico, para alguns são elementos importantes. Para outros moradores a adaptação aos recursos que o lugar oferece e, na maioria das vezes, a luta pela melhoria desses recursos é suficiente.

Neste sentido, as experiências individuais, particulares, relacionadas à vida pessoal de cada depoente se colocam na experiência coletiva quando há situações semelhantes que muitos moradores compartilharam e/ou compartilham. Além desses fatores, existem outros mais comuns encontrados nas justificativas que as pessoas dão para suas escolhas, como por exemplo, a contraposição entre as noções de campo e cidade, de certa maneira organiza os discursos no momento da decisão de ir para a cidade ou permanecer em Centralinópolis.

Expressões como *“Não gosto da cidade, grande principalmente”* e *“Aqui na cidade você está mais perto do recurso”*, sugerem o significado tanto do campo como lugar da tranquilidade, da vida pacata, do trabalho simples, quanto da cidade como um lugar de possibilidades e recursos.

Não é possível, neste trabalho, partir para uma verificação desses conceitos, mas vemos que é um elemento importante quando buscamos entendê-los na interface das vivências constituídas no espaço que analisamos. A respeito das relações entre o campo e a cidade Batista,⁵⁷ em sua dissertação de mestrado sobre a vivência de moradores no

⁵⁷BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003. Ao trabalhar com as relações entre o campo e a cidade no âmbito da pesquisa com os moradores do Bairro Vila Marielza, a autora nos auxilia a compreender a diversidade de elaborações que as pessoas expressam sobre o campo e a cidade, tais elaborações confrontadas com a análise da trajetória desses sujeitos permitem elucidar as contradições, as ambigüidades e a desigualdade social experimentada na cidade. A leitura deste trabalho foi de fundamental importância para nosso trabalho na medida em que nos levou a pensar sobre as indagações e questionamentos acerca dos modos de vida das pessoas e as relações de pertencimento.

bairro Vila Marielza em Uberlândia, considera que “A dinâmica das relações sociais que se dão entre o campo e a cidade demonstra um conflito latente de costumes e interesses de pessoas que, por razões múltiplas, deixam o campo e se reportam à cidade.”⁵⁸

Para a autora a aproximação entre o que denomina como viveres rurais e urbanos se localiza na maneira como as pessoas constroem o seu cotidiano a fim de se colocar diante das condições de sobrevivência com as quais se deparam. Através da ação, hábitos e práticas dos sujeitos, a cidade vai revelando seus contrastes.

Ao pensar no espaço que analisamos, percebemos a ambivalência desses movimentos, sobretudo quando, em Centralinópolis, pessoas retornam das cidades próximas em busca de um viver mais tranquilo. Neste espaço, campo e cidade se entremeiam, tornando o lugar um território cheio de ambigüidades que podem ser compreendidas na maneira como os moradores vivem, em suas práticas cotidianas.

A respeito dessas práticas, na manutenção das necessidades diárias, D. Antônia nos diz:

“Sempre trabaiano mexeno com a barraquinha... tô assim trabaiano enquanto fô viva, tô trabaiano com a barraquinha junto com os filho é, pelejano com fazeno provilho, fazeno farinha, comprano e vendendo, vendo um porquim, vendo uma galinha, essas coisa assim... é até vê... enquanto a gente fô viva e tivé condição de trabaia a gente vivi...”⁵⁹

Na organização do dia-a-dia, cultivar pequenas plantações que, embora sejam primordialmente destinados ao consumo, se transformam também em produtos a serem comercializados, criar porcos e galinhas, manter uma criação de gado, mesmo que seja em pequena escala, acaba adquirindo uma função importante nas atividades dessas pessoas, quando se tornam produtos capazes de suprir algumas de suas necessidades. Ter um frango caipira para o almoço e verduras colhidas do quintal na mesa, contudo, representa muito mais que evitar uma possível compra destes, significa manter o vínculo com aquilo que estão acostumados a lidar: o trabalho da roça, um trabalho simples voltado para a subsistência.

⁵⁸ Op. Cit. p. 27.

⁵⁹ D. Antônia ressalta as dificuldades do viver e o valor do trabalho. Entrevista realizada em 12/08/05.



Foto 4. D. Antônia no quintal de sua casa alimentando suas galinhas. Ao fundo sua barraca e a rodovia. Acervo da autora. 01/05/2006.

Os vínculos com aquilo que se refere ao trabalho duro e difícil do campo são importantes, principalmente para os mais velhos. Sua vida doméstica está relacionada à satisfação do dever cumprido diariamente: o hábito de levantar de madrugada, cuidar das coisas, cuidar da casa, das ‘criação’ *compõem* o *pelejar* com a vida.

“Aqui eu levanto todo dia cedim, de madrugada, tirá leite, tratá de porco ... a luta é pesada, num pára não. Ai, hoje mesmo eu fiquei até agora pelejano... arrumano trato pra vaca, essa luta, né? Então a gente não tem sossego, a gente que tem um comércio, tem suas criação, se num trabalhá num tem jeito, né?”⁶⁰

Outros arranjos são perceptíveis em exemplos como o da D. Socorro, esposa do Sr. Ubaldo, que vende parte da produção de leite para o laticínio, mas prefere fazer queijos para vender: “Eu faço o queijo, né? Eu faço queijo pra vendê. Tiro o leite e ao invés de eu vendê o leite no laticínio, eu vendo aqui alguns litros, o outro eu faço o queijo, que eu vendo melhor o queijo, o leite sai mais bem vendido”.

A mercearia do Sr. Ubaldo serve a vizinhança, nela podemos encontrar produtos de primeira necessidade: arroz, feijão, óleo, produtos de limpeza, panelas, refrigerantes, biscoitos, ovos, bolos, doces, gás, entre outros. Quando alguma coisa na dispensa acaba, pode ser ali encontrado sem que se tenha que recorrer aos supermercados das cidades

⁶⁰ Ubaldo Elias Ferreira, entrevistado em agosto de 2005.

próximas. Ela é um ponto de encontro e de referência, uma vez que pessoas param ali para uma conversa amiga sobre a vida, sobre a rotina do lugar, sobre a carestia, as notícias do jornal ou tecer considerações sobre aonde o mundo vai parar.

A seguir o Sr. Ubaldo posa para a fotografia. Nas prateleiras da mercearia encontramos o que ele denomina de secos e molhados:



Foto 5: Sr. Ubaldo em sua mercearia, acervo da autora. 01/05/06.

Essa mercearia (a vendinha) tem, portanto, um significado importante na vida cotidiana, como nos relata o Sr. Antônio Ozete:

“ali no entroncamento às vezes a gente vai pra comprá alguma coisa que necessita que lá tem uma vendinha. Agora, na cidade a gente vai quando precisa de algumas coisa que ali num tem ou às vezes a gente sai à noite um pouquim e volta, compra as necessidade, alguma coisa que precisa.”⁶¹

Roupas, calçados, remédios, transações bancárias, recebimento da aposentadoria, compras maiores para o mês inteiro, com estes fins os moradores vão às cidades próximas. Outros motivos são visitas a parentes e amigos, passear a noite, tomar sorvetes, encontrar com os amigos da infância, com os novos amigos, dançar, participar das festas da igreja, distrair. Lazeres não muito diferentes dos dali: amizade entre a

⁶¹ Antônio Ozete, Entrevista realizada em 12/08/05.

vizinhança, uma festinha de aniversário ou casamento de vez em quando, os jogos de futebol entre amigos, uma vez ou outra.

Na capela de Nossa Senhora Terezinha e São Sebastião, em Centralinópolis, a missa é celebrada uma vez por mês, no terceiro domingo, realizada pelo padre de Centralina. Os fiéis que participam de movimentos da igreja e gostam de participar da missa todos os domingos, vão às igrejas da cidade; da mesma forma, aqueles que cultuam outra religião, pois não há em Centralinópolis outra que não seja a Católica.

- **Jheneffen:** *“Aqui tem alguma tradição religiosa que vocês praticam?”*

- **D. Socorro:** *Não. Só tem meu genro que é cursilista e da igreja católica lá, né? Ele só que mexe com os movimento dessa igreja. Mais eles, até acho muito errado, porque eles só puxa mais pra Centralina, né? Que se eles puxasse pra cá, tivesse umas festinha aqui e tal, não. Eles faiz as campanha tudo pra Centralina, né? Isso aí.*

- **Jheneffen:** *Pelo que eu andei conversando com as pessoas parece que tem uma santinha, que vai nas casas...*

- **D. Socorro:** *Tem, ela tá visitano as casa, sempre tá.*

- **Jheneffen:** *E como a senhora vê esse movimento de vir a santinha? É toda semana?*

- **D. Socorro:** *É uma vez por mês na casa de cada um. É justamente as coleta dessa santa, que ela vem com uma casinha, eu acredito que todo mundo ajuda porque eu mesma todas as veiz que ela sai daqui, dô a minha colaboração. Vai tudo pra Centralina.”⁶²*

Até os anos 90 era possível ver manifestações tradicionais, como a reza do terço na casa de cada família, novenas, campanhas de natal. Algumas vezes se celebrava a primeira eucaristia das crianças ali mesmo mas, na observação de D. Socorro, podemos notar certa ausência. Mesmo tendo uma santinha que vai de casa em casa, acompanhada da coleta e, provavelmente, levando a colaboração de muitos moradores, não se percebe o retorno dessa colaboração para os moradores. Quermesses e festas da igreja são realizadas em Centralina.

O ir e vir dos moradores, as visitas, as festas, a necessidade de outros gêneros (alimentos, roupas, calçados), a vinda de moradores das outras cidades para visitar parentes e amigos, o trabalho da roça ou com a atividade comercial dão conta da dinâmica das relações que ali se processam. O coletivo intermunicipal da empresa Nacional Expresso tem a sua importância para os moradores dali, ele circula entre Itumbiara e Canápolis duas vezes ao dia e, para aqueles que não tem condução própria, evita o transtorno de ter que pegar carona:

⁶² D. Socorro, Entrevista realizada em 14/08/05.

*"Eu pego o coletivo na minha porta e pra í pra Canapo eu pego o coletivo que vem da Centralina na minha porta. Aí vô pra Canapo e aí quando é cinco hora eu pego ele de volta e paro de novo na minha porta, pra que melhó? É só um e cinqüenta que paga pa í e um e cinqüenta pa voltá, na minha porta que para, e num tá bom? Melhó que quando num tinha o coletivo, a gente passava muita raiva, ficava é esperano carona. Num gosto de jeito nenhum de espera carona, nunca gostei, é ruim dimais; quando a gente num tem o dinheiro tá certo, mais graças a Deus num farta pra mim, pra eu í e volta de coletivo."*⁶³

As vivências dos moradores tornam Centralinópolis uma realidade não muito distante dos elementos que caracterizam as cidades vizinhas. Canápolis e Centralina são cidades pequenas, os modos de viver que desenham estas cidades não estão distantes de uma vida sossegada, de um comércio local, de atividades agrícolas exercidas em grande escala, capazes de comportar um vasto número de trabalhadores rurais.

Raymond Willians⁶⁴ aponta que embora haja múltiplas conexões ente campo e cidade, e nelas possa haver o que ele denomina de comunidades intermediárias, as imagens e concepções que envolvem estes conceitos ainda persistem no plano do simbólico. O campo geralmente aparece associado a imagens que remetem à tranqüilidade e à paz, contrapondo - se a uma noção de cidade cujas referências, neste caso específico, correspondem a um lugar de recursos, do movimento das pessoas e, de certa maneira, ao não isolamento. D. Luiza em alguns momentos de sua narrativa nos faz perceber o quanto levar a vida numa chácara nas proximidades de Centralinópolis pode ser difícil para uma senhora idosa e sozinha:

- **Jheneffen:** "Aquele lugar ali onde a senhora morou, a vida era tranqüila?"
- **D. Luiza:** Hum hum, era tranqüila. É tranqüilo lá, eu gostava de lá, adorava lá, achava muito bom lá...
- **Jheneffen:** E hoje a senhora mora aqui em Canápolis, foi muito difícil para a senhora deixar aquele lugarzim para vir morar na cidade?
- **D. Luiza:** Num foi muito difícil não...não foi. Eu fiquei sozinha, né? Então se fosse pra vivê lá eu num conseguia vivê sozinha lá, então aqui eu me achei mais feliz pra morá aqui no meio de mais gente, se eu fosse morá sozinha lá eu num conseguia, né? Morá naquela berada de pista aculá.
- **Jheneffen:** Senhora gostou mais daqui da cidade por ter mais pessoas...

⁶³ D. Antônia Pereira. Entrevista realizada em 12/08/05.

⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. "Campo e Cidade"; "Cidades e Campos". In.: _____. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.11-20; p.387-409.

- **D. Luiza:** *Hum hum, vixi, tem muito amigo aqui, menina, ixi, não é? Tanto amigo que eu tenho aqui, mais é muito mesmo, amigo mesmo, gente que fala assim: "Essa daqui ninguém é bobo pra pôr a mão nela", amigo mesmo de verdade, "Se pô a mão vai se vê comigo!" Eu fico feliz em vê o povo falá assim comigo.*"⁶⁵

A violência aparece associada ao isolamento, à falta da proteção e segurança oferecidos anteriormente pela presença do marido e dos filhos e pela quantidade de vizinhos nos quais se podia confiar. Atualmente, essa questão se coloca também como um problema para muitos moradores: a proximidade com a rodovia, o trânsito de pessoas estranhas vindas das cidades próximas ou "gente dali mesmo que fica esperando uma oportunidade", aumenta o risco de assaltos. Não que a realidade das cidades próximas seja diferente, mas as reivindicações nesse sentido parecem pouco viáveis. Dessa forma, manter cachorros e não sair de casa e ficar até tarde, não deixar a casa sozinha são as alternativas que se formulam.

Outro exemplo que temos em relação à opção pela cidade é a motivação que impulsionou o Sr. João Aparecido a ir embora. Ele assim se posiciona:

- **Jheneffen:** *"E o que te fez mudar para a cidade? Sair de Centralinópolis?*
 - **Sr. João:** *Caçano uma melhora, né? Que tava ficano difícil, num tinha jeito, num tinha mais recurso. Caçá uma melhora, mudá pra cidade, encontrei; achei melhor aqui na cidade.*
 - **Jheneffen:** *E o que o senhor faz hoje?*
 - **Sr. João:** *Tô mexeno com bar.*
 - **Jheneffen:** *Como é o movimento no seu bar?*
 - **Sr. João:** *Ah, é o movimento da cidade, o movimento que tem na cidade é bom, o movimento não é ruim não.*
 - **Jheneffen:** *O senhor falou que mudou para a cidade porque lá não tinha mais recursos, né? Que tipo de recurso o senhor está falando?*
 - **Sr. João:** *Recurso de tudo, de serviço, saúde, pra tudo tava difícil... Serviço tudo tava difícil.*
 (...)
 - **Jheneffen:** *O senhor trabalha com a atividade comercial há muito tempo, antes na barraca, hoje no bar. Pro senhor, qual a diferença dessas duas?*
 - **Sr. João:** *Não, pra mim aqui na cidade é melhor, que aqui é um bar que eu tenho, meu lugar de ficá e num preciso tá com a barraquinha que eu tinha lá com o movimento pra lá e pra cá. Então aqui eu já tô num lugar que num precisava ficá movimentando aqueles trem pra pô na bera da pista, tirá... e aqui no bar pra mim tá melhor.*"⁶⁶

João Aparecido nos fala de dois movimentos distintos, um deles se refere ao dinamismo das vendas do bar, as mercadorias circulam com mais rapidez e dizem

⁶⁵ D. Luiza, entrevista realizada em outubro de 2005.

⁶⁶ João Aparecido, em entrevista de agosto de 2005.

respeito ao movimento da cidade que *`não é ruim`*; outro sentido da palavra movimento está localizada na maneira como realizava seu trabalho na barraca.

No tempo em que morou em Centralinópolis, tinha uma barraca de palha nas proximidades da BR 153, e, por esta ser distante de seu local de moradia, exigia que todos os dias ele colocasse as mercadorias e as retirasse no final de um dia de trabalho. As exigências colocadas pela situação requeriam que permanecesse ali no decorrer do dia à espera de freguês, dos carros que paravam na barra. O movimento, em termos de vendas, era imprevisível; havia dias em que se vendia bem, outros em que não se vendia nada. No seu bar, ao contrário, ele está situado num lugar onde os freqüentadores já estão acostumados a se encontrar ali. Além disso, ele trabalha de uma maneira mais tranqüila agora. Para ele, a diferença básica entre o bar e a barraca está na tranqüilidade de estar situado num lugar, em não ser necessário, como antes na barraca, de colocar e retirar mercadorias.

Outro fator que marca sua opção pela cidade é o olhar para o passado na zona rural como um lugar difícil, onde não encontrou muitos recursos ou oportunidades para levar uma vida melhor. Entretanto, no presente, reconhece que o próprio lugar sofreu mudanças importantes que tornaram possível viver com mais facilidade. Se no passado ele teve dificuldades para dar continuidade aos estudos, hoje a população que permanece ali experimenta algo diferente, uma vez que há transporte escolar para cidade. A acessibilidade em termos de atendimento médico e hospitalar, embora com as suas deficiências no atendimento à população mais modesta, já não é tão laboriosa, pois há assistência do Programa de Saúde da Família em Centralinópolis. Apesar de reconhecer essas transformações, morar na cidade, para ele, é melhor. Em sua narrativa, é possível observar essas contradições:

"Lá era... era mais difícil lá, as coisa, lá era bem mais difícil do que hoje: serviço, estudá, tudo era difícil. Pra estudá cê só tinha que estudá até a quarta série que num tinha jeito de estudá, fazê mais que num tinha condições de vim pra cidade e hoje tá seno mais fácil, tem os carro que busca lá, antes não tinha. E hoje, a cidade aqui onde eu tô morano, pra morá hoje aqui na cidade é melhor que tá morano lá."

As contradições se tornam ainda mais evidentes quando comparamos a narrativa acima, com um fragmento da fala de D. Socorro:

- *Jheneffen*: "Quando a senhora vai à cidade o que a senhora procura? Em quais situações?"

E', é muito difícil eu ir na cidade. As vezes eu vô de seis em seis meis no médico, assim pra fazer um check-up, né? Só. Quando a gente sai, a gente que mora aqui sai e fica doida pra voltar, entendeu? A gente acostuma com o dia-a-dia da gente, o serviço da gente. Então, a gente não se ambienta na cidade. Eu não me ambienta na cidade, chego lá, quando eu faço minha obrigação, quero voltar pra trás. É desse jeito.

- Jheneffen: D. Socorro, sempre que a senhora vai procurar atendimento médico, é simples? A senhora chega lá e já é atendida?

Não, sempre eu vô no médico particular.

- Jheneffen: A senhora não usa o atendimento da prefeitura?

*Não, porque sempre que eu uso é difícil demais, é muito difícil. A gente chega lá hoje, marca uma consulta pra daqui dez dias, depois vai, chega lá, por acaso Canápolis é muito atrasado nesse sentido. As derradeira vez que eu consultei aqui no Canapo, eu peguei um pedido de exame de sangue. Sabe quantas vez eu fui lá pra fazer esse exame? Fui três vezes. Hoje ia a máquina tava estragada; amanhã ia, num tinha quem atendesse; outro dia ia, a máquina ia ficar pronta daqui a alguns instante. E assim eu abandonei Canapo, quando eu preciso eu vô em Itumbiara, que é mais longe e sempre pelo SUS lá eu só mais bem atendida do que aqui, entendeu? Desse jeito. E quando tá apertado assim, eu preciso de ir mesmo pra consultá, eu vô é com o dinheiro. Tem que pagá, é atendido mais rápido.*⁶⁷

As insuficiências na garantia do bem estar social é um fator que perpassa a sociedade brasileira. Tanto em cidades grandes quanto em outras realidades, a carência de serviços básicos como moradia, atendimento médico, transporte se fazem sentir, principalmente quando se trata de uma população mais carente. O que vemos são as pessoas se organizando e reforçando a sua luta na reivindicação desses serviços. Uma luta que se constitui também em denúncia.

Outro aspecto, não menos importante da resistência, são as alternativas cotidianamente empreendidas pelas pessoas. Neste caso, destinar parte da renda para pagar pelo atendimento médico significa para D. Socorro, evitar o transtorno de ter que aguardar a lentidão do serviço público, cuja infra- estrutura não se encontra em condições de atender as demandas e necessidades da população. “Não, na cidade é melhor, hoje cê morá na cidade cê tá mais perto dum recurso, qualquer coisa que cê fô fazê tudo tá mais fácil. Lugar hoje, lugar lá é bom de morá mais os recurso é muito poco, então a cidade é melhor.”⁶⁸

Dessa maneira, vamos questionando essa atmosfera de segurança e realização que a cidade oferece. Perguntamos-nos para quais setores da sociedade os projetos são empreendidos e de que forma eles atendem aos interesses que estão colocados. Quando

⁶⁷ D. Socorro. Entrevista realizada em 14/08/05.

⁶⁸ João Aparecido. Entrevista realizada em 13/08/05.

falamos de relações sociais, falamos de uma correlação de forças onde a desigualdade se processa.

Apesar disso, na busca por superar os mecanismos das desigualdades, uma cultura vai se configurando à medida em que as pessoas procuram sua inserção no espaço da cidade.

As ações que as pessoas empreendem no espaço em que vivem, vão constituindo a cultura. Esta pode ser captada através de seus modos de viver, que compreende o trabalho, a moradia, o lazer, entre outros, cujas relações vão suprimindo o espaço (material, físico) em si e o tornando território, pois dotado de valores simbólicos. Dessa maneira, a cidade se torna território através das vivências e, por isso, é também o lugar da diferença, da pluralidade; de desigualdades e contradições.

Como nos sugere Fenelon,

“São as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade. Ao buscar estas imagens estamos conscientes de que elas estarão sempre impregnadas de memórias e significações que se constroem, mas também se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades.”⁶⁹

Se considerarmos a cidade para além de uma construção convencional, veremos não apenas espaços racionais que existem enquanto oficialidade; veremos principalmente que os próprios ícones representativos do poder instituído são móveis.

É nesse sentido que apontamos como território o espaço transformado pelos sujeitos sociais e suas relações, como depositário de seus sentimentos e valores. De certo modo, um espaço que se transforma em relação às vivências sociais anteriores de acordo com as demandas colocadas pelo hoje.

As interferências neste processo não são apenas involuntárias, são sobretudo inerentes ao movimento das pessoas, nas idas e voltas responsáveis por romper noções da cidade de concreto e vidro. Nesses movimentos, emerge uma cidade de carne e osso, onde os sujeitos imprimem as marcas capazes de delinear paisagens múltiplas, exprimindo sua cultura. Hábitos, valores e práticas se configuram neste trânsito de experiências particulares e comuns e, simultaneamente, desenhando a cidade.

⁽⁶⁹⁾ FENELON, D.R. Introdução. In: **Cidades: Pesquisa em História**. São Paulo: Olho D'Água. 1999.

D. Socorro:

Quando a gente sai, a gente que mora aqui sai e fica doida pra voltá, entendeu? A gente acostuma com o dia-a-dia da gente, o serviço da gente. Então, a gente não se ambienta na cidade. Eu não me ambiente na cidade, chego lá, quando eu faço minha obrigação, quero voltá pra trás. É desse jeito.

João Aparecido:

Não, pra mim aqui na cidade é melhor que aqui é um bar que eu tenho aqui, meu lugar de ficá...
 (...) *E o senhor acha que é quieto e tranquilo por ser zona rural?*
Não, num é porque é roça não, é porque é o lugar que toda vida foi um lugar quieto, nunca teve assim... um lugar que toda vida os morador, as pessoas tornô o lugar tranqüilo.

Antônio Ozete:

Assim, teve muitos que mudô que não tinha seus lugares, as vezes alguns pagava aluguel, alguns num era dono... aqui, no caso a gente é dono, a gente fica, né? Ai dá pra sobrá mais um poco. E a gente gosta também do local, é nascido e criado aqui...

Nas expressões acima, encontramos elementos comuns capazes de demonstrar que o local em si significa muito pouco. A diferença fundamental é o fato de estar ambientada ao seu dia-a-dia e a ao seu trabalho. Para D. Socorro, estar na cidade mesmo que temporariamente representa apenas o cumprimento de uma obrigação. Quando analisamos sua fala, percebemos que o cotidiano da cidade, apesar de considerarmos anteriormente que se aproxima dos viveres constituídos em Centralinópolis, não lhe traz a mesma satisfação que encontra ali, o ambiente não é o mesmo ao qual ela está habituada.

Da mesma maneira, João Aparecido não se refere a uma cidade abstrata, dos recursos, das possibilidades, mas daquilo que construiu: o seu lugar de ficar. Este está relacionado ao modo em que trabalha. Um lugar de trabalho e vivência intrinsecamente ligado às condições que ele mesmo construiu para si e sua família, o lugar da sua escolha. No decorrer de seu depoimento ele reconhece que Centralinópolis não é ruim de morar, apesar dos poucos recursos, o que ele enfatiza é a tranquilidade, relacionando-a à própria ação dos moradores, os principais responsáveis por tornarem o lugar tranqüilo.

A expressão “tornar” significa que algo pode ser modificado a ponto de se conformar aos viveres das pessoas. O Sr. Ubaldo, num dos momentos da entrevista de 2005, fala sobre como o lugar foi se modificando, diz que quando mudou não gostava

do lugar, mas pela convivência com as outras pessoas, com o seu trabalho e por ter ajudado a “concertar” é que tudo foi melhorando e hoje o faz sentir a tranquilidade e tanto carinho por onde vive.

- **Jheneffen:** *“Como o senhor vê Centralinópolis? Porque parece que antes não era assim, do momento que o senhor chegou até hoje houve melhorias?”*

- **Sr. Ubaldo:** *“É, eu num gostava daqui não, mais depois que a gente veio pra cá consertô muita coisa... eu hoje gosto daqui, eu num gosto de cidade não, gosto mais do sossego, né?”⁷⁰*

Dessa maneira, o lugar é o lugar da opção uma vez que é dos próprios moradores a possibilidade de interferir e modificar a realidade. Em Centralinópolis, muitas mudanças se concretizaram nas trajetórias, conforme expusemos no primeiro capítulo; muitas outras foram resultantes de projetos elaborados. Ambos tiveram sua importância para a vida dos moradores. É necessário ressaltar que há um processo de transformações que se processa para além dos limites desse trabalho. Ademais, uma abordagem é apenas uma abordagem com tudo o que comporta de parcial e de provisório.

⁷⁰ Sr. Ubaldo Elias Ferreira. Entrevista realizada em 14/08/05.

Considerações Finais

“Agora a evidência já está coletada, classificada e preparada de forma acessível: as fontes estão à nossa disposição. Mas como articulá-las? Como construir a história a partir delas? (...) como fazer para que a história ganhe sentido.”⁷¹

Enfrentar os desafios do trabalho do historiador não é uma tarefa simples. Estes desafios não se referem apenas a escolhas teórico-metodológicas, imprescindíveis ao ofício, mas à maneira como nos relacionamos com os problemas que nos colocamos e, principalmente, qual o sentido político das indagações que fazemos aos dilemas do momento presente que se apresentam como projetos sociais ainda não concretizados.

Não se trata simplesmente de uma coleta e classificação de evidências e dados do real, mas um exercício contínuo de atribuir sentido; o esforço de interpretação está intrinsecamente vinculado à forma como nos situamos no movimento da História, como nos vemos nele e nos comprometemos com as perspectivas de transformação da realidade.

Chegamos a este ponto cientes da importância e significado do trabalho do historiador e que o fato de nos colocarmos como aprendizes de historiador não diminui a nossa responsabilidade.

Ao lidar com as problemáticas que se colocaram para análise das trajetórias e viveres de trabalhadores em Centralinópolis muitas dificuldades se colocaram. A primeira delas consiste nos limites da documentação escrita, da falta de organização dessa documentação. Lembro que numa primeira visita à Câmara Municipal de Canápolis, a pessoa que me atendeu me encaminhou para um depósito de poeira, impossível de vasculhar. As Atas da Câmara Municipal de Canápolis estavam bem organizadas, porém não havia ali nenhuma referência a Centralinópolis. Estas foram conseguidas nas Atas e Projetos de Lei da Câmara Municipal de Centralina.

A segunda, e não menos importante, dessas dificuldades, foi a frustração com a qual tive que aprender a lidar para ver a monografia concluída. Fui perdendo os horizontes da pesquisa apesar de ter em mãos materiais interessantes de trabalho. Os depoimentos e as imagens produzidos no decorrer da pesquisa forneceram dados da experiência vivida, significados e uma carga de subjetividade com os quais tive dificuldades em lidar. A maior insegurança se colocava no momento da interpretação,

⁷¹ THOMPSON, P. R. **A Voz do Passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

como daria sentido a estas experiências, como avaliar os sentidos particulares das trajetórias de cada depoente e relacioná-los a uma dinâmica social mais ampla? E, principalmente, como afirmar, neste trabalho, o meu compromisso com as questões sociais do meu tempo?

Como já mencionei, a escolha do tema não foi involuntária. A pesquisa realizada e o texto final trazem muito das minhas impressões, observações sobre o viver das pessoas, mais que isso, é resultado de uma aproximação, uma identificação profunda com este viver, de uma posição de quem está do lado de dentro.

Em muitos momentos me perguntava se estava fazendo a coisa certa, se não deveria estar pesquisando outro assunto. Lia e relia textos sem que isso me possibilitasse um olhar diferenciado para os materiais à disposição e os objetivos da pesquisa como um todo e, no decorrer do trabalho, a pesquisa deixou de ter tanta importância para mim.

Por muitas vezes fiquei triste pensando no meu trabalho como uma monografia dentre tantas defendidas. Dentre tantas que ficam guardadas a espera de quem possa se interessar por elas. Apesar de tudo estou mais confiante, este trabalho adquire importância na medida em que dialoga com uma perspectiva, com tantos outros trabalhos que se propuseram a defender o que defendemos aqui e que continuam a nos inspirar. Estou confiante e me alegro por saber que sem este diálogo não seria capaz de fazer nenhuma leitura séria.

Fernand Braudel, na introdução de suas Reflexões sobre a História nos expõe porque abandonou a idéia de uma tese sobre a história alemã: estava 'impregnado por sentimentos demasiado franceses' e, no decorrer do texto, nos demonstra que não é possível fazer história sem paixão. Este trabalho se encontra impregnado por minhas inquietações e sentimentos.

A redação está pronta e vai para a defesa, mas chego ao final desta etapa ciente de que os resultados são os possíveis neste momento e, reconheço, poderiam ter sido melhores.

A todos aqueles que se dispuseram a conversar comigo sobre suas vidas quero agradecer por terem me falado além daquilo eu que estava perguntando. Agradeço o café e o bolo de queijo da D. Socorro que são incomparáveis.

A todos, agradeço o tempo subtraído para estas conversas e a convivência, e à vó Toinha (Antônia Pereira da Silva) meu sincero respeito e admiração, cujo sorriso e jeito de viver eu pretendi transmitir.

FONTES DOCUMENTAIS

Entrevistados:

André Luiz Pereira, 24 anos, comerciante.

Veio de Canápolis com a família e mora nas imediações de Centralinópolis há mais de 10 anos.

É proprietário da “Barraca Amigos da Estrada”.

Antônia Pereira da Silva, 70 anos, aposentada.

Veio do Rio Grande do Norte com a família.

Mora nas imediações de Centralinópolis há mais de 40 anos.

É proprietária da “Barraca da Tonha”.

Antônio Edvan da Silva, 42 anos, comerciante.

Mora nas imediações de Centralinópolis desde que nasceu.

É proprietário da barraca “Boa Vista”.

Antônio Ozete da Silva, 36 anos, comerciante.

Mora nas imediações de Centralinópolis desde que nasceu.

É proprietário da “Barraca da Promoção”.

Deise Ribeiro da Silva, 21 anos, vendedora.

Mora em Centralinópolis desde que nasceu. Trabalha na “Barraca do Carlinhos”.

D. Maria Socorro da Silva, 61 anos, dona de casa.

Esposa do Sr. Ubaldo Elias Ferreira. Veio de Monte Alegre de Minas com a família e mora em Centralinópolis há mais de 30 anos.

D. Luiza Edite, 66 anos, aposentada.

Veio do Rio Grande do Norte com a família. Morou por muito tempo numa chácara próxima à Centralinópolis. Atualmente, mora em Canápolis.

Sr. João Aparecido da Silva, 40 anos, comerciante.

Morou em Centralinópolis durante mais de 10 anos, cinco deles dedicados à atividade comercial às margens da BR 153. Atualmente, mora em Canápolis com a família.

Sr. Júlio Cândido de Araújo, 78 anos, aposentado.

Veio do Nordeste com a família há mais de 50 anos.

Mora nas imediações de Centralinópolis, ainda mantém sua barraca às margens da rodovia.

Sr. Ubaldo Elias Ferreira, 64 anos, comerciante.

Veio de Monte Alegre de Minas com a família e mora em Centralinópolis há mais de 30 anos.

Sr. José Pereira da Silva, 46 anos, comerciante.

Mora nas imediações de Centralinópolis desde que nasceu.

Cedeu duas entrevistas, uma em 12/08/05 e a outra em 06/05/07.

Sr. João Cardoso, comerciante.

Mora em Centralinópolis há mais de 40 anos. É proprietário da “Barraca São João”
Sua entrevista de 06/05/07 não foi citada neste trabalho.

Sr. Teófilo Pinto de Miranda, aposentado.

Sua entrevista de 06/05/07 não foi citada neste trabalho.

Atas da Câmara Municipal de Centralina

Lei n 699/87 de 04 de setembro de 1987. Caderno de Leis. Câmara Municipal de Centralina.

Ata da 18ª reunião ordinária de 02/12/1986.p.90.

Ata da 15ª Reunião Ordinária do dia 03/11/ 1987.p.111.

Ata da reunião extraordinária do dia 24 de setembro de 1987.p.113

Imagens

Recebemos de moradores 03 fotografias, sem data específica que retratam um aspecto do passado de Centralinópolis: as barracas de palha.

Durante a pesquisa produzimos cerca de 40 fotografias sobre Centralinópolis. Imagens que retratam as pessoas em suas atividades diárias, a moradia , o trabalho e aspectos do lugar.

Soma-se às imagens produzidas no decorrer da pesquisa o desenho feito por Antônio Ozete da Silva.

Mapa

Plano rodoviário do Município de Centralina.

Centralinópolis está ressaltada em um quadrado que não fazia parte do mapa original.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Antônio de. Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva. In: MACHADO, M. C. e PATRIOTA, R. (Orgs.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Programa de Mestrado em História UFU. Uberlândia: EDUFU, 2001.p. 27 – 42.

ARANTES, Antônio. **Paisagens Paulistanas. Transformação do espaço público**. Campinas: UNICAMP, 1999.

BARBOSA, M. E. Os famintos do Ceará. In: FENELON, D.R. et al. **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a História**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.p. 233 – 267.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 1ª ed.

CHAUÍ, M. Prefácio. In: BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

CIRIACO, Adriana J. *Memória e Cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos* (Catalão/GO – 1970/1990). Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História), 2003.

CRUZ, Heloísa de Faria. Cultura, Trabalhadores e Viver Urbano. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 1999. n. 18. p.301 – 307.

FEBVE, Lucien. Face ao vento. Manifesto dos Anais Novos (1946). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Lucien Febve. História**. São Paulo: Ática.p.173 – 182.

FENELON, Déa Ribeiro. Cidades – Pesquisa em História. Revista Cultura e Cidade. São Paulo: Olhos D'Água, 1999

FENELON, D. et al.(Orgs.). **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

FENELON, D. R. Cidades – Pesquisa em História. **Revista Cultura e Cidade**. São Paulo: Olhos D'Água, 1999.

_____. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: **Projeto História**. Revista do programa de estudos Pós – Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993. n. 10. p 73-90.

FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. **A História dos Homens**. Bauru/ SP: EDUSC, 2004. p. 472

_____. Reflexões da História do além do fim da História. In: **História: análise do passado e projeto social**. Bauru/SP: EDUSC, 1998. p. 267 – 281.

HOBSBAWM, Eric. Manifesto pela renovação da História. In.: **Le Monde Diplomatique**. Edição Brasileira, ano 5, n 59, dezembro/2004.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KHOURY, Y.A. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 2001. n 22. p. 79-103.

_____. **Diversidade Cultural, Inclusão Social e Escrita da História**. XIV Congresso Nacional de História Oral, Rio Branco/Acre, 02 a 05 de maio 2006.

LE GOFF, Jaques. A História Nova. In: **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 25 – 64.

_____. Memória. In.: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. p. 11-47.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de Lembrar e de Inventar: (re)lembanças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MATOS, Marcelo Badaró. Pesquisa e Ensino. In: **História. Pensar & Fazer**. Rio de Janeiro: Laboratório dimensões da História, 1998. p. 91 – 124.

MORAIS, S. P. **Modos de vida e relações de convivência: trajetórias e vivências de trabalhadores carroceiros na cidade de Uberlândia (1980 – 2000)**. Revista dos Cursos de Graduação e Pós – Graduação em História/ UFU. Uberlândia: EDUFU, 2002/2003.

_____. **Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia, 1970-2000**. Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História), 2002.

NORA, P. Entre a Memória e a História: A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: Educ, dezembro/1993, n 10. p. 7-28.

PINHEIRO, M. L. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus(1899 – 1925). In: **Projeto História**. São Paulo:EDUC, 1998. n 16. p. 211-220.

PORTELLI, A. As fronteiras da memória: o massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito , rituais e símbolos; História Oral e Memórias: Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUF, 2001/2002. n 25/26. p. 9 – 54.

_____. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. p.59-72.

_____. Forma e Significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 1997. n 14.p. 07- 40.

_____. Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos de trabalhadores. In: **Projeto História**. São Paulo: Educ, dezembro/1993, n 10. p.41-58.

PORTELLI, A.. História Oral como Gênero. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 2001. n 22. p. 9 – 36.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 1997. n 14,p 25-39.

_____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, D. et al.(Orgs.). **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho D’água, 2004.

REIS, Maucia Vieira. **Entre Viver e Morar**: Experiências de Moradores de Conjuntos Habitacionais. (Uberlândia – anos 1980/1990). Dissertação (Mestrado em História). UFU, 2003.

SALVIATICI, Silvia. Relatando a Memória. Identidades individuais na Kosovo do pós – guerra: os arquivos da memória. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, 2003. n. 27. p. 9 – 47.

SANTOS, Marina de Souza. **Memórias, Trajetórias e Viveres**: A experiência de ser Nordeste em Dourados-MS (1940 – 2002). Dissertação (mestrado). Uberlândia. UFU.

SARLO, Beatriz. **Tempo Presente**: Notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: j. Olympio, 2005.

SILVA, Dalva. Migrantes Nordestinos e as relações com a cidade. In: FENELON, D. (Org.). **Cidades. Pesquisa em História**. São Paulo: Olho Dagua, 1999.

SILVA, Regina H. et all. Múltiplas Cidades: Entre Morros e Asfaltos. In: GUIMARÃES, César et al.(Orgs.). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

THOMPSON, P.R. **A Voz do Passado; História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra. 2ª ed. Vol. I

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra. 2ª ed. Vol. II.

_____. Intervalo: a Lógica Histórica. In: _____. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.47-62.

_____. O Termo Ausente: experiência. In: _____. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.180-201.

_____. Introdução: costume e cultura. In: _____. **Costumes em Comum**; Estudos sobre Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 13-24.

_____. Folclore, Antropologia e História Social. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas/ SP: Ed. da Unicamp, 2001. p. 227-267.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: questões sobre as relações entre História Oral e Memória. In: **Projeto História**, São Paulo, (15), 1997. p.51 – 71.

VARUSSA, R. J. Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade. In: FENELON, D. et al.(Orgs.). **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

WILLIAMS, Raymond. “Campo e Cidade”; “Cidades e Campos”. In: _____. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.11-20; p.387-409.